

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO - UPF

Jucelma Terezinha Neves Schneid

**A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS E A FORMAÇÃO  
DE NOVOS LEITORES EM MÚLTIPLOS SUPORTES**

Passo Fundo

2011

Jucelma Terezinha Neves Schneid

**A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS E A FORMAÇÃO  
DE NOVOS LEITORES EM MÚLTIPLOS SUPORTES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo, como requisito para obtenção do grau de mestre em Letras, sob orientação da Professora Dr<sup>a</sup>. Tania Mariza Kuchenbecker Rösing.

Passo Fundo

2011

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho para Darci Roberto, companheiro e realizador dos meus sonhos. Ao Breno Felipe e Arthur Roberto, filhos amados que sempre souberam compreender minhas ausências. À minha mãe Florinda Aquino Neves, presença constante em minha vida.

## **AGRADECIMENTO**

Agradeço a todas as pessoas que comigo compartilharam seus conhecimentos, descobertas e leituras e, principalmente pela paciência, solicitude e amizade sincera.

## RESUMO

Esta pesquisa consiste numa investigação sobre a arte de contar histórias e sua importância como prática formadora de leitores, em relação aos demais suportes e linguagens, dos tradicionais aos digitais, esboçando um perfil dos contadores de histórias da atualidade. A investigação realizada, com base em pesquisas sobre a narração oral e as histórias dos sujeitos envolvidos, buscou identificar ações desenvolvidas por contadores e inferir dados acerca da importância ou não na formação do público leitor e ouvinte. Abordou também o papel dos pais, cuidadores e professores enquanto mediadores, discorreu sobre o perfil dos contadores de histórias e verificou como se dá a inserção das narrações orais em meio eletrônico. Por meio da análise dos depoimentos obtidos nas entrevistas, e com base nos pressupostos teóricos que alicerçaram esta investigação, foi possível encontrar respostas aos questionamentos sobre a permanência ou não do ato de contar histórias em meio a muitos aparatos tecnológicos e coletar dados que revelam a importância da arte de contar histórias e de seus contadores na formação de novos leitores em seus diferentes modos de interação com a oralidade. Foi constatado que as histórias viajam pelo tempo através da oralidade e permaneceram carregadas pelas palavras, magia e poeticidade dos contadores, revelando que é possível aliar a prática tradicional do contador de histórias com os novos suportes eletrônicos. Concluiu-se que, nos últimos anos, a arte de contar histórias vem sendo retomada e, junto à figura do contador tradicional, surge os contadores profissionais que mantêm o mesmo desejo que é o de contar histórias, sejam elas na forma tradicional ou não, com o intuito de formar leitores em diferentes suportes.

**Palavras-chave:** contação de histórias, contadores, novos leitores, oralidade, suportes digitais.

## RESUMEN

Esta pesquisa es una investigación sobre el arte de contar historias y su importancia como una práctica formativa de los lectores, en relación a otros medios y lenguajes, desde los tradicionales a los digitales, dibujando un perfil de los narradores de la actualidad. La investigación realizada, basada en pesquisas sobre la narración y las historias de los involucrados, trató de identificar las acciones desarrolladas por los contadores y los datos de inferir acerca de la importancia o no en la formación de los lectores y oyentes. También abordó el papel de los padres, cuidadores y maestros como mediadores, habló sobre el perfil de los narradores y verificar como es la integración de las narraciones orales en los medios electrónicos. A través de un análisis de las declaraciones obtenidas durante las entrevistas, y se basa en supuestos teóricos que han sustentado esta investigación, podemos encontrar respuestas a las preguntas sobre la permanencia o no de la narración en medio de muchos dispositivos tecnológicos y recopilar datos que revelan la importancia el arte de contar historias y sus contadores en la formación de nuevos lectores en sus diferentes modos de interacción con la oralidad. Se encontró que las historias por el tiempo viajó a través de la vía oral y se mantuvo cargados de palabras, mágico y poético los contadores, que revela que es posible combinar la práctica tradicional del narrador con los nuevos medios electrónicos. Se concluyó que en los últimos años, el arte de la narración se ha incorporado y, con la tradicional figura del contador, hay los contadores profesionales que tienen el mismo deseo que es contar historias, ya sea en forma tradicional o no, con el objetivo de educar a los lectores en diferentes medios.

**Palabras clave:** narración de cuentos, los contadores, los nuevos lectores, hablando, los medios digitales.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	7
1 A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS: HORIZONTES EM COMUNICAÇÃO.....	12
1.1 Contação de histórias e sujeitos da comunicação.....	16
1.2 A narração de histórias e a reconstrução do horizonte.....	23
2 CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E FORMAÇÃO DE LEITORES EM MÚLTIPLOS SUPPORTES .....	26
2.1 A atuação dos contadores de histórias na formação de ouvintes e leitores .....	28
2.2 O perfil dos contadores .....	32
2.3 Projetos e ações de contação de histórias: fomento à leitura .....	39
2.4 A inserção da contação de histórias em outros espaços no mundo contemporâneo .....	43
2.4.1 A narração oral: um momento festivo .....	48
2.4.2 A arte de contar histórias no cinema .....	49
2.4.3 As narrações em meio televisivo .....	51
2.4.4 Narração de histórias em DVD .....	53
2.4.5 Contando histórias em meio digital .....	54
3 DIÁLOGO ENTRE CONTADOR E OUVINTE: ETAPAS DA REFLEXÃO .....	58
4 CONTATO HUMANO PELA VOZ: APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS ... ..	61
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	72
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	75
ANEXOS .....	78

## INTRODUÇÃO

**Era uma vez... Precisão de um momento, de uma época, num passado impreciso, distante. Remonta à fonte, à origem. É tão longe, tão longe, e tão perto.**

**Maurice Guinguand**

Ouvidos atentos, corações abertos, olhos brilhantes, pensamentos quietos.

Aonde iremos? Ao País das maravilhas ou a um país tão longe que é preciso dar mil e uma voltas em torno da Terra? E quem nos levará? O contador - capitão do barco, que solta neste momento as amarras do cais para ganhar o mar aberto. O mar da arte de contar histórias no tempo mágico do “Era uma vez”.

A chama que impulsionava os contadores a sentarem ao redor de uma fogueira e com as palavras mágicas “Era uma vez” iniciarem um relato que despertava a imaginação de quem os ouvia, continua a encantar crianças, jovens e adultos. Da oralidade à escrita, as histórias viajaram e permanecem carregadas pelas palavras, magia e poeticidade, revelando um mundo de onde emergem o conhecimento e o sentir e ganham nova dimensão. Do contador tradicional passa-se para o profissional e a arte de narrar histórias começa a tomar corpo sendo definida como profissão.

Narrar uma história, um fato real ou imaginário, é fonte de prazer e fascínio, abre as janelas da imaginação e impulsiona a formação de bons leitores, apaixonados pelos livros e suas histórias e por materiais de leitura de distinta natureza, incluindo o uso de tecnologia.

As histórias repassadas oralmente, construídas a partir de acontecimentos reais ou resultado do uso da imaginação, vão acontecendo através dos séculos e se constituem num dos hábitos preferidos pelos seres humanos tanto na condição de narrador como na condição de ouvinte. O que era feito nas tribos, passou para o contexto familiar. Atualmente, com a existência de diferentes recursos tecnológicos, o ato de contar histórias passou a ser difundido de distintas maneiras, em diferentes suportes. Não se pode deixar de salientar, em meio a essas transformações, o valor da comunicação oral presencial, a singularidade da contação de histórias entre pessoas que estejam frente a frente. O gesto, a expressão facial, o tom da voz, tudo isso aliado ao calor humano são características por demais apreciadas.

Em meio a tantos contrastes de leitura existentes no Brasil, surgem os mediadores entre o texto e o leitor, seja no contexto da escola, seja na família ou do exercício profissional. Com isso, a atuação dos contadores de histórias gerou o aparecimento de muitos projetos de fomento à leitura e formação de leitores, multiplicadores e mediadores de leitura.

Surgiram também obras que ampliaram as possibilidades de aproximar os indivíduos da leitura. Neste contexto, outros espaços foram sendo invadidos por esta arte. Apareceram contadores que compartilham suas narrativas orais em creches, escolas, casas de passagem, asilos, shoppings, galerias, hospitais e em meios até então pouco ou nada explorados, como é o caso do cinema, televisão e outros aparatos tecnológicos cujas linguagens são diferentes da oral.

Constata-se que o surgimento de novas redes de comunicação ampliou os modos diferenciados de acesso aos textos. Com isso, a literatura pode ser lida e compreendida em diferentes olhares por diferentes leitores.

Diante dos avanços tecnológicos, a contação de histórias conquistou seu espaço e contribuiu para o entendimento e a valorização da arte de contar histórias como elemento essencial na formação do ser humano e provocou uma reflexão sobre a importância da atuação do contador frente às mídias e a um mundo onde o computador é a ferramenta cada vez maior de integração.

A atividade de contar histórias pode se transformar num importantíssimo recurso de formação do leitor para toda a vida. Por isso, ao longo da pesquisa construiu-se um embasamento teórico desta ação aparentemente intuitiva para averiguar a importância das narrativas orais no mundo contemporâneo, ao mesmo tempo em que se desenvolveu uma investigação sobre o perfil do contador de histórias numa sociedade que apresenta muitos contrastes culturais.

Para desenvolver o tema sobre arte de contar histórias e seus contadores, a proponente deste estudo teve como objetivo geral investigar a contação de histórias, como prática formadora de leitores, em relação aos demais suportes e linguagens, dos tradicionais aos digitais, esboçando também um perfil dos contadores de histórias da atualidade.

No que tange aos objetivos específicos, o estudo teve a intenção de identificar ações desenvolvidas por contadores de histórias e inferir dados acerca da importância ou não na formação do público ouvinte e leitor; analisar projetos e ações sobre contação de histórias; embasar teoricamente a ação de contar histórias; observar o desafio de contar histórias numa sociedade com muitos contrastes culturais, discorrer sobre o perfil dos contadores e verificar como se dá a inserção das narrações orais em meio digital.

Para atingir aos objetivos formulados nesta pesquisa, optou-se pelas vertentes defendidas por Patrick Charaudeau, teórico francês, que postula que o ato de comunicar-se é colocar em prática um projeto de comunicação; Hans Robert Jauss e Wolfgang Iser, teóricos expressivos da Estética da Recepção; Walter Ong, historiador e filósofo americano, que se dedicou ao estudo da oralidade; Pierre Lévy, filósofo especialista na teoria da inteligência coletiva e precursor da Cibercultura; Walter Benjamin, filósofo alemão, que dedicou seus estudos principalmente aos conceitos de história, de crítica, de política e de arte. Colaboraram também com esta abordagem as ideias e experiências de pesquisadores como Arlindo Machado, Miguel Rettenmaier, Regina Machado, Gislaine Matos, Ieda Oliveira, Nancy Mellon, Celso Sisto, Heloisa Prieto e Cléo Busatto.

Além da pesquisa em livros a proponente participou de várias oficinas de contação de histórias, seminários e buscou, em meio digital, experiências que relatassem a performance dos contadores neste suporte. Após, fez-se uma seleção do material que seria utilizado para constituir-se no suporte teórico mais adequado.

O trabalho de investigação, que compreende uma pesquisa de campo e qualitativa, por preocupar-se com a qualidade das respostas e o valor das mesmas, foi realizado com a participação de quatro contadores de histórias, dois brasileiros - Eládio Vilmar Weschenfelder e Beto Mayer, ambos de Passo Fundo/RS, e dois contadores espanhóis - Juan Gamba, de Madrid e Ernesto Rodríguez, das Ilhas Canárias.

O contato com os contadores foi feito durante o Seminário Internacional de Contadores de Histórias, em Passo Fundo, em 2009, realizado no contexto da 13ª Jornada Nacional de Literatura. Após, os mesmos responderam um questionário, enviado por email, que apresentava um conjunto de questões acerca da importância das narrativas orais e de seus contadores, as vivências pessoais, as experiências de leitura, as tecnologias de comunicação e informação no cotidiano dos investigados.

Com esta intenção, a pesquisadora iniciou sua investigação em busca de informações, referenciais e experiências que respondam aos questionamentos propostos, bem como provoquem uma reflexão sobre a importância dos contadores de histórias, sejam eles contadores de histórias sem autoria, aquelas repassadas de geração para geração, sejam histórias com autoria, na vida do leitor em formação, instigando a imaginação, a sensibilidade e viabilizando um contato com um repertório diversificado de histórias.

Para abordar o tema proposto, o presente trabalho está dividido em quatro capítulos.

No primeiro, apresentam-se os pressupostos teóricos que embasam este estudo. Aborda-se, inicialmente, o desejo de o homem, desde os primórdios da civilização,

comunicar-se com os outros e relata-se a importância do ato de contar histórias no mundo contemporâneo. Para fundamentar a importância da comunicação oral, buscou-se alguns conceitos de análise semiolinguística do discurso, do teórico francês Patrick Charaudeau (2008), especialmente os que se referem ao contrato de comunicação e ao projeto de comunicação.

Encontrou-se uma significativa contribuição para a construção dessa investigação em Hans Robert Jauss (1994) e Wolfgang Iser (2002), pois ambos demonstram preocupação com a figura do leitor, que é muitas vezes esquecido em nome da importância estética da obra. A *Estética da Recepção* contribui com os fundamentos da investigação, uma vez que considera o leitor o responsável pela concretização da obra literária, pois é ele quem preenche os vazios deixados pelo autor. Valorizando a natureza emancipatória da arte literária, seus postulados corroboram para a existência de leitores-sujeitos.

Em Ong (1998), encontrou-se suporte para abordar os contrastes entre a oralidade e a cultura escrita, bem como os atos da fala e da recepção. Ao apoiar-se em Lévy (1993), buscou-se embasamento para demonstrar que através do avanço dos meios de informação e comunicação, e suas conseqüentes possibilidades, novos processos de pensamento e de relações estão sendo elaborados pela sociedade.

Já Benjamin (1994) propõe uma reflexão sobre a experiência da narração de histórias e os perigos de sua extinção, assim como, a importância da figura do narrador.

No segundo capítulo, aborda-se a arte de contar histórias e a formação de leitores em múltiplos suportes, bem como o desafio de contar numa sociedade marcada por muitos contrastes culturais. Faz-se uma reflexão sobre a atuação dos contadores na formação de ouvintes e leitores e fundamenta-se o perfil dos mesmos. Relatam-se, também, alguns projetos e ações de contação de histórias já existentes e que são fomento à leitura e à formação de leitores, multiplicadores e mediadores de leitura. Encerra-se o presente capítulo discorrendo-se sobre a inserção da narração<sup>1</sup> de histórias em distintos espaços no mundo contemporâneo.

No terceiro capítulo, explicita-se a metodologia de trabalho desenvolvida no estudo investigativo, apresentando cada uma das etapas que foram cumpridas ao longo do período de desenvolvimento do estudo, trazendo comentários específicos sobre cada uma delas, os seus objetivos, os sujeitos investigados e os instrumentos de investigação.

---

<sup>1</sup> Durante o desenvolvimento da pesquisa estarão sendo empregadas alternadamente as expressões “contação de histórias” e “narração de histórias”, pois ambas têm o mesmo significado.

O quarto capítulo promove uma análise entre os dados coletados nos questionários à luz do referencial teórico, estabelecendo-se aproximações e diferenças existentes nas respostas dadas pelos sujeitos desta pesquisa.

Por último, a parte reservada às considerações finais tem a intenção de reafirmar a importância da narração de histórias, seja da forma tradicional ou em múltiplos suportes, bem como a necessidade da formação e incentivo dos mediadores e/ou contadores de histórias.

Cinco anexos ainda compõem este trabalho, entre os quais se encontra o formulário enviado aos sujeitos da pesquisa e a transcrição dos mesmos.

Destaca-se, por fim, a relevância deste estudo uma vez que a investigação contribui, de maneira significativa, com os mediadores de leitura, a fim de que possam ampliar sua atuação, utilizar os diferentes suportes tecnológicos em suas práticas e despertar neoleitores críticos e interativos.

Espera-se que esta pesquisa possa solidificar o papel que a contação oral exerce no meio social, sobretudo no homem participante e responsável pela manutenção desse meio e que ela só exercerá plenamente todas as suas funções se for concedida a importância que lhe cabe, bem como um esforço de interpretação e compreensão de seu real significado. Estas resultam de uma ação, a qual todos efetuam, desde a mais tenra idade: a prática da leitura. Além disso, este trabalho pode ajudar na disseminação da leitura por meio de novas redes e linguagens.

## 1 ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS: HORIZONTES EM COMUNICAÇÃO

**É preciso coragem para trafegar por mundos imaginários;  
porém, as viagens serão sempre cheias de descobertas.**

**Heloisa Pietro**

Atualmente, é comum afirmar que o ouvir e o contar histórias perderam-se no tempo e que os espaços ocupados pelos seus contadores foram sendo preenchidos por outros interesses. Relembra-se as ideias de Benjamin (1994), que reconhece o ato de contar histórias como um fato importante nas relações humanas e que tal prática é significativa na manutenção dessas relações, bem como acredita que o narrador é um homem que sabe dar conselhos, porém, prenuncia a morte da narrativa. Segundo o autor, “a arte de narrar está definhando, porque a sabedoria – o lado épico- está em extinção.” (BENJAMIM, 1994, p. 200-201). De acordo com o autor, um dos fatores que contribuíram para a possível extinção da narrativa oral e de seus narradores foi a difusão do romance pelos meios de comunicação, que criaram formas individualistas de comunicação.

O referido teórico afirma que,

já passou o tempo em que o tempo não contava. O homem de hoje não cultiva o que não pode ser abreviado. Com efeito, o homem conseguiu abreviar até a narrativa. Assistimos em nossos dias ao nascimento da short story, que se emancipou da tradição oral e não mais permite essa lenta superposição de camadas finas e translúcidas, que representa a melhor imagem do processo pelo qual a narrativa vem à luz do dia, como coroamento das várias camadas constituídas pelas narrações sucessivas (BENJAMIN, 1994, p. 206).

Infere-se que há um choque entre a informação, que só é válida para o momento, e a narrativa, que tenta conservar suas forças e preservar a verdadeira arte de narrar. Acredita-se, também, que o ato de narrar histórias, da forma como se refere Benjamin, ainda deve fazer parte das práticas contemporâneas, para que não se perca a sabedoria evidenciada pela experiência de vida dos velhos contadores. Entretanto, constata-se que, apesar da técnica e de todos os seus avanços, as narrativas orais e suas vozes não perderam a importância. As histórias contadas na hora de dormir, na sala de aula, nos leitos hospitalares, na sala de leitura ou em qualquer outro espaço, continuam a mostrar a riqueza da cultura transmitida através dos séculos e a aguçar o imaginário de quem as ouve.

Observa-se que há várias formas de reconduzir esta trajetória histórica das narrativas orais no mundo contemporâneo, frente a tantas inovações. Daí a grande importância do contador e seu ato de contar histórias.

Sabe-se que a narração oral foi, por muito tempo, a forma predominante de transmissão de conhecimento na história humana. Segundo Ong (1998), “o estudo científico e literário da linguagem e da literatura, durante séculos e até épocas recentes, rejeitou a oralidade.” (ONG, 1998, p.16). Porém, ainda hoje a comunicação baseada na oralidade subsiste e permite às novas gerações conhecerem as coisas do mundo através da narração de histórias. Ong, diante disso, lembra que:

grande parte do estudo acerca do contraste entre oralidade e cultura escrita ainda está por ser feito. O que se aprendeu recentemente sobre esse contraste continua a ampliar o entendimento não apenas no passado oral, mas também do presente, libertando nossas mentes do texto e colocando sob novas perspectivas boa parte daquilo com que há muito tempo estamos familiarizados (1998, p. 175).

As palavras de Ong advertem que a cultura escrita transforma a consciência e o pensamento, que parecem ser evidentes, mas que só se tornam possíveis se a mente lança e internaliza a tecnologia da escrita.

No espaço onde prevalece a cultura popular da oralidade, em que a transmissão de conhecimento se dá pela literatura oral, a presença do contador de histórias é de fundamental importância, pois é ele quem conta as histórias que perpassam o tempo e dá oportunidade para que o ouvinte entenda o que foi narrado a seu modo. O contador é quem guarda a tradição em sua memória.

A comunicação é uma necessidade básica do ser humano, que está ligada à sua própria vida. Ela foi e continua sendo o canal pelo qual são transmitidos os padrões de vida, de cultura, de crenças, de valores, hábitos e tabus e está presente em todas as situações cotidianas que constituem seu meio ambiente social.

Ong (1998, p. 15) afirma que “os seres humanos comunicam-se de várias maneiras, fazendo uso de todos os seus sentidos: tato, paladar, olfato e especialmente visão, assim como audição”. Nota-se que as comunicações não-orais são muito ricas e significativas, como a gestual. Contudo, a comunicação que privilegia o som articulado tem importância especial. Onde quer que existam seres humanos, há linguagem e a oralidade resiste e vive, apesar dos mundos maravilhosos que a escrita abre.

Constata-se que a comunicação é muito mais do que troca de informações. O ser humano a utiliza para expressar ideias e sentimentos, orientar-se, coagir, extorquir, persuadir,

exercer controle, conectar-se com o mundo, transmitir conhecimento, informar-se, narrar histórias, deixar marcas na humanidade.

Sabe-se que a oralidade é a forma de comunicação mais primitiva que se conhece. Foi por meio dos diálogos e da expressão corporal que o homem começou a se comunicar e a trocar informações e conhecimentos. Sobre isto, Lima (2008, p.16) sugere que “é possível que o homem pré-histórico tenha iniciado o processo comunicativo dando respostas intuitivas a partir de ruídos vocais e movimentos corpóreos, que serviam para a emissão de mensagens simples”.

Hoje, os horizontes da comunicação humana se expandem e chega-se ao universo da comunicação tecnológica através dos meios eletrônicos. Torna-se cada vez mais comum a convicção de que, tal como a revolução industrial produziu uma mudança profunda na sociedade através das novidades inseridas no ciclo de produção e na vida dos trabalhadores, também hoje a profunda transformação operada no campo das comunicações guia o fluxo de grandes mudanças culturais e sociais. As novas tecnologias mudam não só o modo de comunicar, mas a própria comunicação em si mesma, podendo-se afirmar que a sociedade está perante uma ampla transformação cultural. Com este modo de difundir informações e conhecimentos, nasce uma nova maneira de aprender e pensar, com oportunidades inéditas de estabelecer relações em diferentes redes e linguagens.

Vencendo o tempo e a distância, parece não haver dúvidas de que a primeira forma organizada de comunicação humana foi a oral, acompanhada ou não pela linguagem gestual. Assim, a linguagem é, primeiro e antes de tudo, oral. Só depois é que pode ser escrita e não é obrigatório que o seja para existir como linguagem. É neste sentido que Ong (1967) postula que a escrita não reduziu a oralidade, mas que apenas alcançou a importância dessa oralidade, ao conseguir organizar os princípios e os constituintes da oratória numa arte científica.

Lévy (1993) afirma que, antes do advento da informática, existiram dois tipos de sociedade, uma mais arcaica que se estruturava a partir da oralidade primária, e outra, mais moderna, baseada na oralidade secundária.

Segundo Lévy, a oralidade primária seria a que remete ao papel da palavra falada antes do advento da escrita, “[...] a palavra tem como função básica a gestão da memória social, e não apenas a livre expressão das pessoas ou a comunicação prática cotidiana” (1993, p. 77). O autor escreve também que as sociedades orais desenvolveram um método de conseguir garantir a eficiência da memória de longo prazo que permitia que a informação fosse condensada e associada a uma rede com grande número de conexões, partindo para uma forma de compreensão através da representação. Esse método se caracterizaria pela

construção de um elemento narrativo que contenha todos os ensinamentos visados, o chamado mito ou fábula. Lévy (1993, p. 82) explica: “Dramatização, personificação e artifícios narrativos diversos não visam apenas dar prazer ao espectador. Eles são também condições *sine qua non* da perenidade de um conjunto de preposições em uma cultura oral.”

Diferente do que muitos pensam, o autor não caracteriza essa forma de armazenamento de informação, menos válida do que a proposta pela sociedade da escrita. Os mitos são as melhores formas de codificação disponíveis, pois são reiterados e preservados pela tradição.

Já a oralidade secundária está relacionada à escrita. A sociedade estruturada a partir da escrita tinha uma vantagem no armazenamento de informação, que era o fato de terem uma estrutura física guardando-a por meio de caracteres simbólicos. O que se torna então importante de pensar em como uma evolução social foi essencial no estabelecimento da ciência como modo de conhecimento dominante. Porém a oralidade secundária suscitou o desenvolvimento de saberes teóricos que separam o emissor do receptor, impossibilitando a construção de um hipertexto comum. Outro problema seria que a escrita, tendo uma estrutura de armazenamento que se aproxima no conceito da memória de curto prazo, poderia definhando a capacidade de cognição em longo prazo, acabando a tradição da oralidade. Observa-se que, na sociedade atual, essa ideia tem lógica, porém, na prática, o que ocorre é uma convivência entre ambas mesmo sendo a tradição escrita bem mais fortalecida que a oral.

Por fim, Lévy apresenta uma nova oralidade, a da rede digital. Essa nova oralidade se caracteriza muito mais pelo hipertextual, pela conexão de mídias e de pessoas de uma forma diferente, porém análoga à da oralidade primária, mas agora através da utilização da máquina como veículo de comunicação. Outra característica importante dessa oralidade digital é a capacidade que tem de uma informação escrita, imagética ou sonora ser passível de decomposição, recomposição, comentário, ordenação entre outras interferências de modulação.

A partir das ideias dos teóricos estudados, constata-se que a humanidade vem ao longo do tempo passando por diferentes etapas de mudanças no modo de viver, produzir e expressar-se. Essas etapas contribuem para a construção e re-construção da dinâmica social e cultural em que se vive.

A cada etapa, desde a antiguidade até a contemporaneidade, a humanidade vivenciou medos, incertezas e conflitos, sejam científicos ou tecnológicos que, atualmente, são recorrentes na vida da maioria dos cidadãos.

Vive-se na sociedade da informação, onde o acesso ao conhecimento ocorre por meio da oralidade, da escrita, da audiovisualidade e da hipertextualidade e, constata-se que, apesar das tecnologias inovarem as formas de relações sociais, o ser humano evidencia ainda a necessidade de comunicar-se oralmente, fazendo com que preserve o velho hábito de contar histórias.

Lévy, em uma palestra proferida no SESC/SP, em Vila Mariana, no dia 29 de agosto de 2010<sup>2</sup>, lembrou que a evolução do homem foi possível graças às habilidades que ele desenvolveu e que o difere dos animais. Segundo o teórico, são três as habilidades: a primeira é a construção de diálogos, que faz com que o ser humano se questione, converse com os outros e estabeleça diálogos. A segunda é o contar histórias que dá ao homem a percepção do tempo e a terceira habilidade é a organização do pensamento. Esta última faz com que o ser humano estabeleça relações de causa e efeito.

Durante a palestra já referida anteriormente, Lévy, ao relatar sobre a habilidade de contar histórias, declara que:

é porque contamos histórias que temos uma concepção do tempo. (...) No início, os relatos mais importantes da humanidade eram as lendas, as fábulas. Hoje, continuamos a contar histórias. Dizemos que não são lendas; não importa. Não somos capazes de viver se não damos sentido àquilo que vivemos, ou seja, se não contamos história. Evidentemente, não contamos sempre a mesma história, mas produzimos sentido a partir disso. E por que a inteligência coletiva? Porque as histórias são transmitidas. Contamos uma história a alguém e essa pessoa guarda o que lhe foi contado. Quando nos explicamos aos outros estamos contando a nossa história, a história das coisas que nos interessam. É uma forma de vínculo entre nós, extremamente importante (2010, p. 14).

A experiência de ouvir e contar histórias está ligada à essência do ser humano. Contar histórias faziam os homens primitivos e foram seguidos pelas avós e pelas velhas e incríveis contadoras de histórias que, no longo desfiar dos anos, encantaram com suas narrativas mágicas e fantasiosas e revelaram-se extraordinárias em sua arte.

### **1.1 Contação de histórias e sujeitos da comunicação**

Assim como o surgimento da comunicação humana, não se sabe precisar quando esse costume de contar histórias se instituiu como prática social, porém, pode-se afirmar que é bem antigo e de ordem universal.

---

<sup>2</sup> Palestra SESC/SP. Disponível em: <[www.crmariocovas.sp.gov.br/esp\\_a.php?t=001](http://www.crmariocovas.sp.gov.br/esp_a.php?t=001)> Acesso em: 02 fev. 2011.

Do sagrado ao mítico foi um salto importante rumo ao conjunto complexo das várias narrativas como lendas, relatos maravilhosos, contos, narrativas heroicas que levaram o homem a imergir num mundo mágico, fantástico e maravilhoso.

As histórias conferem ao ser humano um leque de oportunidades, abrem a mente para novos horizontes, moldam os instintos para a vida em sociedade, estimulam a criatividade, educam as pessoas a respeito do saber ouvir. E o melhor: podem fazer alguém voltar a sonhar.

“Era uma vez” constitui-se como uma expressão de que mais uma história irá começar e ressalta o papel importante das histórias na vida do homem, bem como na desse homem na condição de contador.

O contador de histórias passa de um mero instrumento de divertimento a ser o depositário das tradições, as quais devem transmitir às novas gerações para serem preservadas através dos tempos. Ele é o responsável pela preservação da enunciação oral como obra de arte, expressa na contação de histórias. Sobre isso, Ong, sustenta que:

as palavras, em seu habitat natural, oral, são parte de um presente real, existencial. A enunciação oral é dirigida por um indivíduo real, vivo, a outro indivíduo real, vivo, ou indivíduos reais, vivos, em um tempo específico e em um cenário que inclui sempre muito mais do que meras palavras. As palavras faladas constituem sempre modificações de uma situação que é mais do que verbal. Elas nunca ocorrem sozinhas em um contexto simplesmente de palavras (1998, p. 117-118).

Do grunhido à internet, as histórias e a voz dos contadores continuam a servir como canal de comunicação para muitos ouvintes e afirmam a dimensão social dessa arte. O contador de histórias se comunica com o público quando exerce sua performance. Suas expressões, os gestos, o ritmo e “a entonação da voz imprimem sentido às palavras e desvelam para o ouvinte as emoções por trás do texto” (MATOS & SORSY, 2005, p. 7).

Ao observar-se o ato de contar histórias, pode-se afirmar que o contador não se comunica num vazio, mas dentro de um ambiente, de uma realidade na qual entra em contato com pessoas que têm uma história, uma cultura e uma esperança. Num simples ato de comunicação, o contador influi sobre esta realidade e, ao mesmo tempo, a realidade influi também sobre o contador.

A arte de contar histórias e seus contadores sempre estiveram presentes na alma da sociedade. Da oralidade primária à rede digital, os contadores de histórias foram e continuam sendo os portadores da voz poética.

Busatto, pesquisadora e contadora de histórias, afirma que os “contadores são pessoas que convivem com a palavra escrita, mas não lançam mão dela para significar o seu cotidiano, procurando se orientar mais pelo oral do que pela técnica escrita” (2006, p. 19). Eles são pessoas que, apesar de conviverem em meio a uma comunidade imersa em registros escritos, retêm informações por meio da oralidade.

A contadora escreve que,

atualmente esses sujeitos-narradores-contadores, herdeiros da tradição da oralidade já se encontram inseridos num contexto mediado pelos novos meios de comunicação e transmissão de saber. Estão por aí, nas comunidades centrais ou periféricas dos grandes centros urbanos; na zona rural; nas comunidades litorâneas ao longo da costa do Brasil; [...] Porém, com um diferencial: eles ainda mantêm o tempo preso nos seus atos e nas suas palavras. (BUSATTO, 2006, p. 19-20).

Em meio a tantos avanços científicos e tecnológicos, que se encarregaram de criar um novo ouvinte/leitor, o contador de histórias se mantém vivo e traz para seu cotidiano essas novas ferramentas, apropriando-se delas com sua arte de narrar.

Os narradores ou contadores de histórias, encontram-se inseridos em uma sociedade letrada, apropriam-se da escrita e das novas tecnologias com o objetivo de levar, por meio da oralidade, um texto, seja ele recolhido por meio de registros orais ou escritos, aos neoleitores/ouvintes.

Busatto (2006, p.35) adverte que,

“considerando os mais recentes estudos sobre oralidade, é consensual que a narração oral seja vista como representação de gêneros dramáticos contemporâneos, que vem marcada por atributos éticos e estéticos e adquire um papel crítico e político ao dar voz às minorias e recuperar a cidadania”.

Acredita-se que o contador é um comunicador que realiza trocas comunicativas, que se envolve em comunicação ou torna-se parte dela.

De acordo com os conceitos da *análise semiolinguística do discurso* de Patrick Charaudeau (2008), o ato de comunicar-se nada mais é do que colocar em prática um projeto de comunicação. Quando há comunicação, há representação de papéis: ora desempenha-se papel de sujeito comunicante e ora de sujeito interpretante, ou seja, dependendo da situação de comunicação assumem-se posturas diferentes. Tais posturas levam o sujeito a interpretar o que lê ou ouve, recorrendo não só a signos verbais, mas também aos recursos não-verbais.

O receptor, nominado por Charaudeau como sujeito interpretante, torna-se co-autor do texto quando interfere no significado do mesmo. Ao refletir-se sobre esta co-autoria,

observa-se que uma frase dita por alguém pode assumir significados diferentes, dependendo de quem a diz e em que situação ela é enunciada.

Para analisar-se um ato comunicativo, é preciso levar em conta o sistema da língua, visto que é graças a ele que o receptor é capaz de entender o conteúdo expresso implicitamente pelo texto. Outro item é o próprio texto que deve ser interpretado como o resultado material do ato comunicativo. A situação comunicativa também tem relevância, porque a mesma interfere no significado global da mensagem e, por fim, aparecem os modos de organização do discurso que estão interligados às situações comunicativas.

A partir da perspectiva comunicativa da análise do discurso, Patrick Charaudeau afirma que há

um modelo de comunicação com dois espaços e quatro sujeitos do discurso: um espaço externo que corresponde aos dados da situação de comunicação (nível situacional) e um espaço interno que corresponde à discursivização enunciativa (nível discursivo). Esses dois espaços se determinam reciprocamente. No espaço externo se encontram os parceiros do ato de comunicação, chamados sujeitos comunicante e sujeito interpretante; no espaço interno, os protagonistas da cena enunciativa chamados sujeito enunciante (ou enunciador) e sujeito destinatário (2008, p. 200).

Na proposta do teórico, os sujeitos da comunicação são nominados como *eu-comunicante*, *eu-enunciador*, *tu-destinatário* e *tu-interpretante*. No processo de comunicação, o eu-comunicante e o tu-interpretante são seres reais, com identidade psicossocial e pertencem ao circuito externo da comunicação. O primeiro é quem fala ou escreve e o segundo é aquele que ouve ou lê e interpreta o texto, seja oral ou escrito. Já o eu-enunciador e o tu-destinatário são entidades do discurso, tendo apenas existência teórica, pertencem ao circuito interno. Dentro deste contexto, o eu-comunicante não tem domínio sobre o tu-interpretante e a imagem do eu-enunciador que o primeiro tenta passar ao segundo pode ser recusada por este.

Além dos “eus e “tus” existem no discurso os “eles” / “elas, que são as pessoas, coisas ou fatos de que se fala e que constituem o referente e, nesse sentido, têm força de evidência. Para interpretar um texto oral/escrito, fica evidente que o ouvinte/leitor, depende de um contrato de comunicação que inclua o conhecimento *a priori* do que está sendo enunciado.

Todo ato comunicativo é uma aventura que envolve riscos e pode acarretar em sucesso ou fracasso, visto que constitui um jogo entre os dois circuitos. De acordo com os semioticistas e analistas do discurso, “o contrato de comunicação é a condição básica para os parceiros de um ato de linguagem se compreenderem minimamente e poderem interagir, co-

construindo o sentido, que é a meta essencial de qualquer ato comunicativo” (CHARAUDEAU, 2008, p. 130).

Charaudeau assegura que o contrato comunicacional implica

a existência de dois sujeitos em relação de intersubjetividade, a existência de convenções, de normas e de acordos que regulamentem as trocas linguageiras, a existência de saberes comuns que se permitem que se estabeleça uma intercompreensão, o todo em uma certa situação de comunicação (2008, p. 131).

Pode-se inferir, que o contrato de comunicação será efetivo e bem-sucedido se proporcionar um diálogo regular e se a enunciação entre os interlocutores for validada por ambos, quando os ouvintes inferem o querer-dizer do locutor.

Um contrato de comunicação pressupõe sempre determinada situação comunicativa. E, para que esta situação atinja seu objetivo, faz-se necessário um projeto de comunicação em que sejam estabelecidas estratégias discursivas, a fim de que o eu-comunicante possa administrar as variáveis, adequar o texto ao público e aproximar-se bem mais do tu-interpretante, evitando possíveis ambiguidades existentes na língua oral e escrita.

Diante de tais ambiguidades que possam ocorrer, Charaudeau (2008) propõe distinguir o canal de comunicação, em que se opõem oral/gráfico, da situação material de comunicação, conforme a possibilidade ou não de tomada de turno pelo interlocutor. A isto o autor denomina situação de interlocução / situação de monolocução (2008, p. 204).

Conforme o referido estudioso, um contrato de comunicação precisa definir os papéis na comunicação, a natureza monolocutiva ou interlocutiva da comunicação e os rituais de abordagem que constituem as condições de entrada em contato com o interlocutor. Os papéis na comunicação são os que o Eu-comunicante e o Tu-interpretante devem desempenhar dentro do processo comunicativo. Por exemplo, na narração oral o contador (eu-comunicante) conta oralmente uma história e o público (tu-interpretante) acompanha-a, reage à performance do contador.

Quanto à natureza, a comunicação será monolocutiva quando não houver a troca de papéis entre o eu-comunicante e o tu-interpretante, como acontece, na maioria das vezes, na contação oral de histórias. Já a interlocutiva evidencia-se quando há troca de papéis, como na conversação diária.

No que tange aos rituais de abordagem, entende-se as restrições e obrigações no contato com os interlocutores. Numa situação monolocutiva citam-se as manchetes de jornais

e, numa situação de interlocução, destaca-se o momento em que o comunicante dirige uma saudação ou pergunta ao interpretante.

Para Charaudeau (2008), existem três tipos de comunidades com identidade de pensamento e opinião, uma comunidade comunicacional cuja identidade é marcada pelo reconhecimento, por seus membros, dos dispositivos e contratos de comunicação; uma comunidade discursiva marcada pelos saberes de conhecimentos, que é portadora de julgamentos e, portanto, formadora de opiniões; uma comunidade semiológica, cuja identidade é marcada por maneiras de dizer mais ou menos rotineiras. Esta última comunidade é portadora de julgamentos de ordem estética, ética e pragmática sobre a maneira de falar.

Conforme os conceitos defendidos por Charaudeau (2008), a todo ato de fala ou escrita subjaz um projeto de comunicação que está condicionado a um contrato. Portanto, comunicar-se é por em cena um projeto de comunicação onde os sujeitos do circuito externo fazem uso de competências situacionais, discursivas e semiolinguísticas.

Sobre competência situacional entende-se que é a capacidade dos sujeitos do circuito externo para perceber as circunstâncias em que se dá o discurso. Ela é constituída de situações sociodiscursivas codificadas sob a forma de contratos de fala.

Por sua vez, a competência discursiva, do ponto de vista do eu-comunicante, é a capacidade que este precisa para elaborar as estratégias de encenação de seu projeto comunicativo. Ela está subordinada e depende da situacional. Do ponto de vista do tu-interpretante, tem a ver com a capacidade deste para reconhecer as estratégias do eu-comunicante. Inclui-se aqui, também, a capacidade para fazer associações intertextuais a partir de textos orais ou escritos que estão presentes na sociedade.

No que tange à competência semiolinguística, afirma-se que todo sujeito que se comunica e interpreta usa e reconhece a forma dos signos, suas regras e seu sentido. De acordo com Charaudeau (2008) esta competência abrange três níveis: o da estruturação do texto, o da construção gramatical e o do emprego do léxico.

Entende-se por estruturação do texto o uso de elementos de coesão como também, os elementos extratextuais como fotos, gráficos, etc. Já o nível da estruturação do texto é a habilidade em empregar as normas da língua como uso de conectivos, concordância e assim por diante. Quanto ao léxico, entende-se que são as escolhas do vocabulário e sua adequação à determinada situação comunicativa.

A partir destas reflexões, entende-se que a arte de contar histórias é um projeto de comunicação que terá mais êxito na medida em que o “tu-destinatário e o tu-interpretante se

superpuserem, ou seja, quanto mais à hipótese do eu-comunicante sobre quem seja o tu-interpretante estiver correta” (OLIVEIRA, 1993, p. 95). Portanto, a força do discurso vem da eficiência com que se elabora e executa o projeto de comunicação.

Acredita-se que o contato do eu-comunicante (autor) com o tu-interpretante (leitor/ouvinte) que ocorre de forma não presencial, deve acontecer cada vez mais, principalmente numa sociedade que apresenta uma diversidade de contrastes culturais.

Por outro lado, entre o autor e o leitor, ressurgem um terceiro sujeito da comunicação (pais, cuidadores, contadores de histórias) que poderão estabelecer uma interlocutividade e cativar novos leitores.

Para que um projeto de comunicação transcorra de forma satisfatória, faz-se necessário que o eu-comunicante elabore um contrato de comunicação em que haja a preocupação com o ponto de vista do tu-interpretante, a fim de que o mesmo possa interagir com o texto de forma receptiva.

Assim sendo, o contrato de comunicação estabelecido entre os “eus” e os “tus” requer constante interação e receptividade. Em vista disso, recorre-se à Estética da Recepção, de Jauss, que entende que a arte não apenas reproduz os eventos sociais, mas desempenha um papel maior, ou seja, faz história; assim, ela pode proporcionar inovações, romper com o socialmente estabelecido, adquirindo um caráter emancipatório.

Segundo Jauss (1994), o leitor pode apresentar uma variada gama de atitudes diante de um texto, dentre as quais se podem citar o espanto, a admiração, o choque, a compaixão, a simpatia, o choro, o riso, a reflexão, o distanciamento. Para o teórico alemão, o autor, obra e público constituem uma força histórica criadora e quando o leitor questiona o texto pode encontrar respostas para seus questionamentos pessoais. Assim, o leitor é o responsável pela atualização dos textos, garantindo a historicidade das obras literárias. Aqui, é pertinente ressaltar que, nesse contexto, historicidade não se refere à data de publicação da obra, mas ao momento em que o leitor lê e aprecia a obra.

Jauss (1994) define seu leitor através de dois pontos bastante pertinentes: o horizonte de expectativas e a emancipação, que seria, justamente, uma nova perspectiva da realidade a qual ampliaria seu campo de percepção, isto é, haveria a ampliação do horizonte de expectativas do leitor. Conforme o estudioso alemão, a própria renovação da história da literatura depende da relação entre o leitor e a obra, já que, em uma reação dialógica, a cada nova experiência de leitura ocorre uma atualização do texto literário, como se pode observar:

A obra literária não é um objeto que exista por si só, oferecendo a cada observador em cada época um mesmo aspecto. Não se trata de um monumento a revelar monologicamente seu ser atemporal. Ela é, antes, como uma partitura voltada para a ressonância sempre renovada da leitura, libertando o texto da matéria das palavras e conferindo-lhe existência atual (JAUSS, 1994, p. 25).

O teórico alemão ainda enfatiza que os conhecimentos prévios do leitor sempre devem ser levados em consideração. A obra pode ou não atender às expectativas dos leitores, rompê-las ou mesmo ampliá-las ou não. Exatamente disso resultaria a reconstrução do horizonte. Com isso, observa-se o que Jauss chama de distância estética, ou seja, a diferença entre o horizonte de expectativas do leitor e da obra. Tem-se, então, que o novo oportunizará maiores mudanças nos leitores/ouvintes, isto é, ampliará seu horizonte de expectativas, enquanto o que apenas atender a tais horizontes não lhes trará grandes acréscimos.

Entende-se que para Jauss não há conhecimento sem prazer, nem a recíproca, pois só pode-se gostar do que se entende e compreender o que se aprecia.

Por sua vez, Wolfgang Iser (2002) entende que o bom leitor/ouvinte é aquele que se desarma diante da obra literária, ou seja, deixa-se interrogar pelo texto. Segundo o autor, é preciso haver uma total interação entre o pólo estético (leitor) e o pólo artístico (obra), a fim de que o leitor/ouvinte possa ser conduzido a uma visão crítica de sua própria identidade. O teórico postula que ingressar em outros modos de reflexão, de ação, de ser, que não os seus próprios, levam o leitor/ouvinte a formular novas ideias, refletir sobre si mesmo e a descobrir um mundo até então inacessível.

Ao serem analisadas as afirmações de Jauss e Iser, pode-se dizer que ao contar histórias, o contador coloca o ouvinte em contato com diferentes níveis de realidades, facilita ao ouvinte atingir seu próprio mundo interior e pode levá-lo a significativas transformações suscitadas por suas vivências e pelas lacunas do texto literário, provocando o que Jauss e Iser teorizaram.

## **1.2 A narração de histórias e a reconstrução do horizonte**

Embasando-se na proposta do método recepcional, postula-se que ao se traçar um projeto de comunicação deve-se, em primeiro lugar, determinar-se o horizonte de expectativas dos leitores/ouvintes (tu-interpretantes), os quais incluem todas as convenções estético-ideológicas que possibilitam a produção/recepção de um texto, a fim de prever estratégias de rupturas e transformação do mesmo.

Uma vez determinado o horizonte de expectativas, o passo seguinte consiste no atendimento desse horizonte de expectativas, ou seja, proporcionar experiências com o texto oral/escrito que satisfaçam as necessidades dos interpretantes, suscitem uma ruptura deste horizonte e mexam com suas certezas, costumes e vivências culturais. Com isso, ocorrerá a etapa de questionamento do horizonte de expectativas através de reflexões sobre as relações entre texto e vida. Após refletirem e perceberem que os textos apreciados estão ligados ao mundo, amplia-se o horizonte de expectativas. Este é o momento em que se verificam se suas exigências se tornaram maiores e, conscientes de suas potencialidades, partem em busca de novos textos.

Apoiando-se nestas etapas, a arte de contar histórias pode estabelecer um contrato sólido de comunicação, onde leitor/ouvinte (tu-interpretante) e narrador (eu-comunicante) tornam-se cúmplices dos fatos narrados.

O contador deve estabelecer uma relação de proximidade com o leitor/ouvinte com o intuito de determinar o horizonte de expectativas dos mesmos, para que, com a candura de sua voz, atenda às expectativas dos interpretantes, vá ao encontro de suas experiências e cultura, gere uma reflexão sobre a importância das histórias na vida dos mesmos e possibilite com que sintam o desejo de mergulhar em novos textos e novas histórias.

A voz que reconta histórias recupera a tradição oral de trocar experiências através do contar, cumprindo desse modo, um ritual de encantamento da contação oral de histórias.

A arte de contar histórias

está a serviço de uma monuculação *in praesentia*, dirigida a uma plateia, à maneira ao mesmo tempo dos contadores nordestinos e dos modernos contadores de histórias, ou ainda da tradicional situação comunicativa de um adulto contando histórias para um grupo de crianças em um ambiente familiar. (OLIVEIRA, 2003, p. 61).

Pesquisada e analisada, a arte de contar histórias continua a conquistar espaços e a magia das histórias se espalha e invade ambientes até então não desbravados, como é o caso do meio digital. Aparecem em perspectiva metas até pouco tempo impensáveis, que deixam as pessoas maravilhadas com as possibilidades oferecidas pelos novos meios e, ao mesmo tempo, impõem, de modo cada vez mais premente, uma reflexão séria acerca do sentido da comunicação na era digital.

Em meio a livros multicoloridos e com efeitos sonoros, televisão e tantos avanços tecnológicos que tornam a comunicação muito mais interativa do que nunca, surge à preocupação em resgatar a arte de contar histórias.

Não se pode duvidar de que as narrações de histórias permanecerão, tendo na oralidade a sua grande alavanca. Vale destacar também que a contação de histórias, propicia ao contador e ao ouvinte um contato com outras dimensões do seu ser e do meio em que vive.

A contação de histórias é um tesouro inestimável que deve ser conservado, pois com ela se pode construir o novo e contribuir para a formação de novos leitores, em diferentes suportes e linguagens. São “tempos e contextos distintos marcando a presença dos contadores de histórias” (BUSATTO, 2006, p. 25). Com isso, acredita-se na magia desta arte que faz com que contadores tradicionais e contadores contemporâneos resgatem a memória da humanidade.

## 2 CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E FORMAÇÃO DE LEITORES EM MÚLTIPLOS SUPORTES

**Na medida em que nos conectamos com plenitude a esse fogo interior, tudo que se move em direção a essa chama curativa, seja na forma de um amigo ou de um inimigo, será aquecido e iluminado. Você, como todo ser humano, é um contador inato de histórias**

**Nancy Mellon**

Cada vez mais a sociedade aponta para a necessidade de um sujeito capaz de resolver problemas, autoinformar-se, capaz de pesquisar soluções para seus trabalhos através das várias tecnologias que o mundo contemporâneo oferece. Saber ler é uma dessas exigências. Há, contudo, uma importante diferença entre saber ler e a prática efetiva da leitura. Se a habilidade de leitura é uma necessidade pragmática e permite a realização inclusive de atividades básicas, como identificar o nome de uma rua, ler ofertas em panfletos antes de realizar compras, entre outras ações, a prática da leitura é importante instrumento para o exercício da cidadania e para a participação social. Diante disso, faz-se necessária a formação de leitores com habilidade de ler em diferentes suportes.

Lévy afirma que o ciberespaço e a cibercultura provocam novas maneiras de ler e exigem que as pessoas assumam múltiplos papéis de leitura e de produção textual. Para ele, o ciberespaço é o “novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores” (LÉVY, 1999, p. 17).

O hipertexto digital configura-se como uma oportunidade de ampliar a prática da leitura e, com isso, suscita uma nova maneira de ler. Como se vive num mundo em que impera a era da informação e dos avanços tecnológicos, os processos cognitivos e o modo de ler passam por transição e exigem a formação de leitores em vários suportes, capazes de apropriarem-se das vantagens oferecidas.

A presença de mediadores entre os textos impressos ou digitais e o leitor, seja no contexto da escola ou da família, poderá facilitar a inserção neste novo espaço que se estabelece com a ascensão da comunicação eletrônica.

A oralidade que predominou por muito tempo, divide espaço com as novas formas digitais de comunicação e o contar ou ler histórias continua sendo uma prática salutar que desabrocha no gosto pela literatura. Como mediadores, destaca-se, a presença dos contadores de histórias, profissionais ou não, que diante das grandes questões apresentadas, dedicam tempo para contarem histórias, aproximar as pessoas do livro e promoverem o gosto pela leitura.

Contar histórias é uma arte cuja matéria-prima é o imaterial e o contador é um artista que, ao tecer suas histórias, faz aparecer o inexistente e, com sua voz e afetos, estimula os ouvintes sonharem e voltarem às origens. Contar histórias é uma arte na qual o contador cria imagens, materializa o verbo, empresta seu corpo, sua voz e seus afetos ao texto que ele narra, a fim de aproximar o ouvinte da história e levá-los a ter desejo de reencontrá-la em forma de texto impresso ou na tela.

Os desafios encontrados pelo contador de histórias são muitos, porém Machado (2004), afirma que, mesmo diante de uma sociedade imersa em muita informação e comunicação mediada por meios eletrônicos, os contadores de histórias estão ressurgindo, principalmente nos grandes centros urbanos, não por acharem que contar histórias é moda, mas por perceberem a urgência de resgatarem a experiência do sonho do devir humano no tempo fora do tempo do “Era uma vez”, a experiência dos valores humanos, da afetividade, da integridade. A narração de histórias pode levar a pensar, fazer descobertas, provocar riso, sentir o desejo de mergulhar nas páginas dos livros e apreciar o que a literatura tem a oferecer.

Em um mundo de satélites, livro eletrônico, comunicação multimídia e outros tantos recursos, a arte de narrar histórias continua a demarcar espaços. Sisto, pesquisador e contador de histórias, propõe:

[...] vamos experimentar convidar algumas pessoas. Sim, pessoas! Aquelas que ainda podem ouvir algo mais que suas próprias vozes e que são capazes de acolher palavras, no silêncio preenchido por uma pausa, um gesto, um olhar. Juntá-las em semicírculo e ficar bem próximo a elas - a distância necessária para que cada uma sinta-se única sem prescindir do grupo - e, então, deixar o olhar fixar o avesso e ir-se derramando, palavra por palavra, no córego da emoção. É esse o primeiro passo para acordar a imaginação. Então contar de reis e rainhas, príncipes e princesas, gnomos e duendes, meninos e meninas, animais falantes e coisas de outro mundo e coisas desse mesmo mundo, só que contadas com jeito de quem viu ou viveu o que fala e repete a história com emoção renovada a cada vez. Sim, porque contar histórias depende muito também de quem ouve. As crianças se encantam com o possível e o impossível. Os adultos se encantam em vislumbrar um caminho que lhes devolva o sonho (2005, p. 19).

Em meio a tanta diversidade de aparatos tecnológicos, o contar histórias é uma arte que tem lugar no mundo contemporâneo. É possível sentar no meio de um círculo e narrar uma história, cumprindo um desígnio ancestral. Sobre isso, Prieto afirma que “nesse momento, o mediador ocupa o lugar do xamã, do bardo celta, do cigano, do mestre oriental, daquele que detém a sabedoria e o encanto, do porta-voz da ancestralidade. Nesse momento ele exerce a arte da memória” (PRIETO, 1999, p. 41).

Num mundo onde as pessoas estão imersas em comunicação, faz-se necessário a presença do contador para que reacenda a arte de contar histórias no coração da humanidade e resgate a voz da memória e, com ela, propague-se as palavras com ritmo, entonação e cadência.

## **2.1 A atuação dos contadores de histórias na formação de ouvintes e leitores**

Toda história narrada convida o contador a se encontrar, pouco a pouco, como protagonista de sua própria história, com todos os riscos, perdas, alegrias e realizações que ela possa lhe trazer. A esse respeito, Prieto (1999, p. 9) salienta que todo contador ao contar uma história, resgata o próprio destino, descobre a que sonho pertence e encontra caminhos para a própria vida.

As histórias saídas da boca do velho contador migraram para dentro dos livros e, os contadores contemporâneos têm a magia de dar vida às palavras e despertarem no ouvinte o desejo de reencontrar o texto escrito. O contador é o elo entre o leitor e o livro. Quando a plateia ouve o texto evocado pela candura da voz de quem o narra e deixa que este o possua, transforma-se em produtora do texto, co-autora da história contada, visto que cria na cabeça imagens, épocas, personagem, lugares.

Contar histórias forma leitores e ouvintes. Ao término da audição de uma história, muitas das pessoas sentem necessidade de prolongar seu prazer. É neste momento em que há o encontro do ouvinte com o registro escrito, a hora de confirmar ou negar as hipóteses levantadas enquanto a história era ouvida. A partir daí, o ouvinte/leitor percebe que pode reler a história, pular páginas e escolher o rumo de sua leitura, ir em busca de outras histórias e trilhar caminhos para a sua formação de leitor crítico. Em vista disso, essa atividade é um importantíssimo recurso de formação de leitores.

Pode-se afirmar que a contação de histórias é um livro vivo, pulsante, que tem olhos, gesticula e interage com o público, é a primeira grande ponte para o livro impresso.

Ernesto Rodríguez, contador de histórias espanhol, em pronunciamento feito no Seminário Internacional de Contadores de Histórias, realizado no contexto da 13ª Jornada Nacional de Literatura, no período de 27 a 30 de outubro de 2009, em Passo Fundo/RS, afirma que contar histórias, usando o livro como suporte, desperta o interesse em quem ouve e faz com que abra o livro, enamorado pela palavra e pelas imagens. Durante oficina realizada no Seminário referido, o contador demonstrou esta atividade utilizando livros com ilustrações próprias para este estilo de contação, como “¡Hombre de color! Editora Juventud, Barcelona

2003, de Jérôme Ruillier” e “Los misterios del Señor Burdick, Fondo de Cultura Económica Usa (1996), de Chris Van Allsburg”. A experiência foi muito rica: embora o contador utilizasse o texto escrito (livro impresso), o texto vivo (oralidade) continuava a ecoar mais alto, porque o contador atuou explorando os espaços, gestos e a modulação da voz. Ao término da contação, o desejo de pegar o livro, passear pelas suas páginas e reler a história, era o que todos os ouvintes queriam.



FOTO 1 – Ernesto Rodriguez usando o livro como suporte na contação de histórias.<sup>3</sup>

Na arte de contar histórias, cada contador deve descobrir qual é a melhor forma de atuar e encantar o público. São inúmeras as formas de se narrar uma história. Há contadores que decoram a história a ser contada, respeitando as palavras dos autores e conservando a beleza da linguagem, alguns preferem simplesmente contar usando suas próprias palavras, outros introduzem elementos externos como máscaras, instrumentos musicais, fantoches, marionetes. A escolha de como atuar ao narrar depende de cada um. Cada contador deve cultivar seu próprio estilo e seu repertório de literatura, sem perder de vista o objetivo da atividade, que é o de despertar o prazer e a consciência da importância da leitura na vida de cada pessoa.

Aliado ao ato de ler está também o de ouvir. Quando o contador narra uma história, além de fomentar a leitura, está formando ouvintes, tarefa não muito fácil. Ao escolher um bom texto – aquele que não dá tudo pronto – o contador leva o ouvinte a preencher os vazios,

---

<sup>3</sup> Registro feita pela pesquisadora durante o Seminário Internacional de Contadores de Histórias realizado no contexto da 13ª Jornada Nacional de Literatura, em Passo Fundo/RS, em 2009.

participar ativamente da história, fazer associações, unir ou imaginar aquilo que está sendo narrado.

Celso Sisto (2010) destaca que “da mesma forma que o contador conjuga palavra e olhar, o ouvinte aprende a ouvir e a ver. Ver através da sugestão do narrador. Ouvir além do que é dito. Ouvir também o que é calado. Ouvir o silêncio”.<sup>4</sup>

O contador, seja anônimo seja profissional, deve atuar de forma que o ouvinte ultrapasse a compreensão pura e simples da história, que se desligue ao ser atingido pela voz, pelos personagens e gestos do contador e multiplique a história. Essas ações, certamente, colaboram na formação de leitores.

A atuação do contador deve ser alicerçada no desejo de seduzir o ouvinte/leitor e de fazer com ele, o que uma história já fez com o contador. Em vista disto, o contador deve se apaixonar pela história e pela palavra pronunciada, contar pelo prazer de dizer, preparando o texto, sem suprimir partes importantes e encontrar a melhor forma para contar suas histórias, utilizando ou não elementos externos. A postura, a voz e a expressão do corpo é que têm de ser distintas das outras maneiras de trocar histórias e informações.

Aparentemente, o trabalho de um contador de histórias começa na escolha do texto que ele vai contar. Mas, na verdade, ao escolher um texto, as imagens do mesmo já estão em movimento no contador de histórias. E esse movimento de afetação de uma história começa na leitura ou na audição por parte do contador.

Mas é preciso estar atento aos sinais aparentes da emoção: lágrimas, risos, medo, reflexão, gargalhada, arrepios, raiva, excitação, etc., pois eles são sempre elementos sinalizadores da intensidade da reação e do poder das palavras.

Celso Sisto (2010) afirma que há ainda uma emoção estética, a ser considerada que abrange a maneira como o autor escreve, incluindo o vocabulário que ele emprega, o encaminhamento poético, de humor, de mistério ou de aventura que ele dá para a história, dos conflitos que ele criou para discutir esse tema, da estrutura que ele armou para contá-la, enfim, do trabalho de criação literária, envolvido em tudo isso.

Segundo o contador Sisto, a escolha de um texto para contar passa pelo desejo de querer comunicar à emoção que o contador sente ao encontrar uma história e também pelo desejo de querer que o outro sinta emoções similares, provocada, sobretudo, por um objeto estético, que é o texto literário.

---

<sup>4</sup> Disponível em: <<http://www.celsosisto.com/ensaios>> Acesso em: 15 nov. 2010.

Qualquer contador de histórias precisa ter lido muitas vezes a história que vai contar e, com a prática de preparar histórias e com o conhecimento, o contador habitua-se a perceber o texto com outros olhos, a constatar que uma história tem muitas camadas, isto é, a perceber como o autor introduz a história, como ele a desenvolve, como desencadeia o conflito, como esse conflito atinge seu ponto máximo e como se resolve.

Reconhecer essas partes é preparar-se para as modulações que o narrar oralmente exige: ritmos diferentes, modulações de voz diferentes, intensidades diferentes, dinâmicas gestuais e corporais diferentes.

A preparação de um texto para ser contado é também a construção de imagens mentais deste mesmo texto. Depois de conhecer a fundo a história, o narrador tem de ser capaz de construir um roteiro dessa mesma história, para que possa ir preenchendo esse roteiro com suas palavras.

E aqui, segundo Sisto, esbarra-se num ponto nevrálgico: contar com suas palavras ou com as palavras do autor do texto escrito?

Para Sisto, é de extrema importância a questão da autoria e do estilo da história que se quer contar. Um conto popular permite, pelo domínio de um roteiro básico, contar com as próprias palavras. Um conto autoral, não. Se o contador pretende apresentá-lo como obra do autor, deve memorizá-lo tal qual ele está no papel, a não ser que diga para o público que o que eles ouvirão é uma adaptação, uma versão, uma releitura do texto tal, do autor tal.

Para se contar bem uma história e cativar leitores, é preciso tornar-se dono desta história. Mesmo o texto sendo de outro ou de domínio público, ele precisa ficar sendo do contador, de algum modo. Ser dono de uma história significa contá-la com naturalidade, com desenvoltura, com propriedade e com domínio dos elementos e mecanismos que podem extrair o máximo da história e o máximo de quem a conta!

Cabe lembrar que o contador contribui para a formação de ouvintes e leitores no momento em que propicia o desenvolvimento do potencial crítico dos mesmos, abrindo-lhes espaço para pensar, formar seus critérios, suas opiniões sobre autores, gêneros ou assuntos, com liberdade para amá-los ou detestá-los e despertando para a busca de novos temas, novos autores, outros gêneros.

Os contadores devem ser geradores e irradiadores de mudanças importantes que transformem a leitura em uma atividade agradável, interessante, enriquecedora e, principalmente, companheira constante no cotidiano dos ouvintes/leitores.

Ao executar sua performance, além de contar histórias, “o contador dialoga em várias direções: na arte, na do outro, na nossa! Os objetivos podem mudar – é recrear, é

informar, é transformar, é curar, é apaziguar, é integrar – podem se alternar, mas nunca acaba com o prazer de escutar! De participar! De criar junto!” (SISTO, 2005, p. 95).

A contação de histórias possibilita, sobretudo, a compreensão do próprio sujeito. Nesse sentido, o narrador de histórias tem a responsabilidade de descortinar mundos novos, cujo caminho pode ser o da fantasia que nasce da contação de histórias.

A figura do contador de histórias deve revelar um ato de amor em cada atuação, onde a voz que conta acaricia e envolve o ouvinte, assim como fez Sherazade durante mil e uma noites.

## **2.2 O perfil dos contadores**

No Brasil, passamos atualmente por um momento muito rico na literatura, principalmente no que se refere à contação de histórias. Há várias ações que visam conscientizar pais, professores, cuidadores e mediadores de leitura sobre a importância de apostar nas histórias para estimular a criatividade, a imaginação, a oralidade e resgatar o prazer da leitura entre as pessoas, crianças ou não. Porém, é preciso ficar claro que contar uma história não é simplesmente ler palavra por palavra.

Contar é encantar e reencantar. É ensinar a escutar, a pensar e a ver com os olhos da imaginação. Por isso, os contadores, quando narram, lançam mão de ações que provoquem outras ações e reações possíveis de novos conhecimentos e novas histórias. Eles buscam um tom diferente, provocador do imaginário, capaz de instigar outras pessoas a quererem também contar histórias e encantar com a candura da voz, fazendo com que elas sejam lembradas muitos e muitos anos depois que seu próprio nome tenha sido consumido pelo tempo.

Mas como descobrir a melhor forma de encantar ao contar uma história? Existe porventura algum segredo? O que fazer para ser um bom contador de histórias, a exemplo dos muitos que já atuam por este Brasil imenso? Como ser uma Sherazade e seduzir através das histórias?

Para discorrer-se sobre o perfil de um contador, recorre-se à história extraída do livro “Ofício do contador de histórias”:

ERA UMA VEZ.... um rei. Não era um rei feliz. Ele notou que seus súditos não prestavam a menor atenção em seus decretos e mandatos. Percebeu também que eles se aglomeravam e se sentavam aos pés dos contadores de histórias na praça do mercado, nas casas de chá ou nas pousadas. O rei decidiu aprender o segredo dos contadores de histórias. Convidou-os a irem ao palácio com essa finalidade. Alguns disseram que era a sua linguagem, outros que era a experiência, outros, ainda, que

era a imaginação. Cansado de ouvir tantas opiniões, o rei despediu-se deles pedindo que se dedicassem a escrever artigos sobre as qualidades de um bom contador de histórias. Os contadores voltaram após cinco anos com milhares de papéis escritos. Mas, de novo, o rei ordenou que voltassem com uma informação condensada de tudo aquilo. Cinco anos se passaram quando voltaram trazendo um livro bastante pesado. O rei não tinha tempo para ler, pois estava muito ocupado com as questões políticas do reino. Pediu-lhes, então, que fizessem um resumo de uma página com o essencial daquelas informações. Os contadores passaram mais cinco anos trabalhando na essência do assunto. Finalmente, apareceram com uma folha de papel e entregaram-na ao rei. O rei pensava que, de posse desse conhecimento, poderia tornar-se o único contador do reino. Aqueles eram seus rivais, obviamente. Mesmo tendo trazido seu precioso conhecimento sobre como se tornar o melhor contador, ainda assim eles seriam competidores, e o rei queria ser o melhor deles. Inevitavelmente, se o rei se livrasse de todos eles, não haveria como não se tornar o único e o melhor contador do reino. Assim, o rei anunciou que iria agradecer pessoalmente a um por um o trabalho. (...) Assim foi feito: ele recebia cada um, oferecia-lhe um prêmio e apontava a porta de saída. Do outro lado, porém, encontrava-se o carrasco esperando para executar o pobre infeliz, mandando-o para o outro mundo. Depois que o rei finalmente ficou sozinho, com suas mãos trêmulas, abriu o papel preparado para ele. Lá estava escrita somente uma frase: “O melhor contador de histórias é aquele cujas histórias são lembradas muitos e muitos anos depois que seu próprio nome tenha sido esquecido (MATOS & SORSY, 2005, p. 38-39).

Matos & Sorsy, na narração anterior, refletem sobre o papel do contador de histórias. De acordo com a narrativa, o contador é o portador da voz que encanta sem aprisionar, pois suas histórias nascem da liberdade de expressão, da naturalidade e da emoção. Ele é um sujeito que transforma os livros em histórias vivas, pulsantes, que gesticulam e interagem com o público.

Pode-se assim dizer que o contador é um comunicador que adquiriu o dom de narrar influenciado pelo meio em que habita, que conta histórias que atraem os ouvintes/leitores e que adquiriu ao longo do tempo uma técnica própria de narrar e encantar as pessoas.

Durante séculos até hoje, as histórias existem para serem narradas, ouvidas e conservarem a história da humanidade. E, a figura do contador sempre esteve presente, emprestando seu corpo, sua voz e seus afetos ao texto que é narrado, fazendo que o mesmo passe de signo para significado.

O contador deve ser um leitor e pesquisador de histórias, de músicas e gestos. Deve ter tempo para trabalhar as histórias e formar um repertório. Este é o grande segredo para tornar-se um contador.

Segundo Celso Sisto (2005), a grande sugestão para ser um bom contador de histórias é ler muito os livros, os gestos, as pessoas, a vida que vai em cada coisa. Ele afirma também que o contador tem de ter paixão pela palavra pronunciada e contar a história pelo prazer de dizer e isso só poderá acontecer se ele amar, estudar e treinar exaustivamente, até que a história brote dos lábios com veemência, convicção, detalhe e emoção. Sisto acrescenta

ainda que o aprendizado mais difícil é o do silêncio, pois somente quando o contador consegue silenciar interiormente é que ele está pronto para contar uma história. Toda preparação de uma história produz um rumor silencioso que vai se amplificando até explodir na palavra.

Sisto (2005) menciona que o contador deve dominar o tripé da história, que para ele é o texto, o corpo e a voz. O texto que vai ser contado é o primeiro critério a ser observado, por isso a escolha da história é muito importante e deve levar em consideração a qualidade literária, ou seja, o trabalho com a linguagem escrita.

Quem conta precisa ter cumplicidade com o texto e nunca agir como um mero repetidor da história que escolheu. Como garantia de uma narração viva devem estar à originalidade, a surpresa, os conflitos instigantes, os questionamentos nas entrelinhas, a agilidade da contação e a expressividade.

Outro aspecto que deve ser enfatizado é que o contador, ao escolher uma história, deve privilegiar a função lúdica e não a moralista e que as histórias não podem ter fronteira, a fim de encantar a todos.

Por esta razão, para Sisto,

contar bem uma história é também saber evitar o didatismo e a lição de moral; os estereótipos da palavra e dos gestos; o maniqueísmo e os preconceitos; o óbvio, o modismo e o lugar comum. Em geral, na escola, a escolha de um texto para ser contado tem, quase sempre, o poder de determinar conteúdos a serem estudados. Mas quando a história contada vem em função de instaurar um espaço lúdico, ela pode gerar um outro tipo de expectativa: não mais a da cobrança, mas a do encantamento. (2005: p. 19-24).

Optar por contar histórias é optar por uma série de resgates: recuperar a infância, reencontrar alegrias, medos, mitos e, assim, refazer a trajetória afetiva; redefinir a imagem social diante daquilo que se é hoje; revisitar a noção de cidadania para redimensionar as crenças na palavra como gesto sonoro capaz de se propagar ao infinito e incitar mudanças; remexer a imaginação com cargas sempre maiores de liberdade; recompor o lugar de seres criadores que todos ocupam no mundo. São tarefas nada simples.

Nesse contexto, Machado (2004) assim se posiciona com relação ao perfil de um bom contador de histórias:

Um bom contador de histórias, guiado pela ação interligada da intenção, ritmo e técnica, exercita habilidades pessoais-recursos internos-, combinados com o amplo repertório de informações disponíveis- recursos externos-, enquanto vai polindo e conquistando, ao longo da vida, a qualidade da presença (2004, p. 68).

A intenção é que move e dá sentido à experiência de contar, portanto o contador deve buscar internamente uma intenção e ir aprofundando e configurando com o passar do tempo. É essa intenção que deve transparecer na ação do contador, enquanto está narrando.

Ao contar uma história, o contador deve servi-la fielmente, deixar-se levar por ela, permitindo que a história guie a voz, o gesto, olhar, a cadência da narração.

O ritmo é outro aspecto importante na contação. Por isso, o contador deve acompanhar a cadência da história, deixando-se conduzir pela respiração, pelo fluxo da narrativa, modulando a voz, gestos e olhar. É preciso fazer a experiência de entregar-se a história e sentir-se dentro dela, para que possa comandar o ritmo da voz.

Regina Machado postula que Joana Xaviel criada por Guimarães Rosa, Sherazade, das Mil e uma noites, Velha Totonha, imortalizada por Graciliano Ramos e além de todos os contadores tradicionais, conheciam seus recursos internos e aprenderam a exercitá-los durante as práticas em suas vidas. Com isso, percebe-se que o ato de contar histórias é um exercício constante. Portanto, para ser um bom contador necessariamente não precisa ter nascido com esse dom, mas aprender a exercitar suas habilidades e os recursos internos e externos constantemente.

A intenção é que move e dá sentido à experiência de contar. O ritmo é o que dá vida e verdade pessoal a essa experiência. A técnica é o domínio do instrumento que permite a atualização da intenção e do ritmo, combinando recursos internos e externos. Não adianta ter intenção de contar uma história se não souber deixar-se conduzir por ela. O contador precisa conhecer a história e as diferentes formas e recursos possíveis de serem usados para contá-la. A técnica é necessária, pois é ela quem leva o contador a escolher o melhor modo de contar, a partir de uma intenção e do uso de recursos internos e externos.

Porém, para que a história seja relevante na vida dos ouvintes e desperte o desejo de tornarem-se leitores das mesmas, é necessário que o contador saiba também usar os recursos externos como fantoches, chapéus, música, acessórios e o seu próprio corpo. Eles podem estar a serviço da história.

A utilização de elementos cênicos ou não é opção de cada contador. Há contadores que fazem uso dos mesmos, sem esquecer o foco principal que é o texto. Outros, porém, contam apenas com a força expressiva da voz, do gesto e do olhar. Há alguns que preferem contar histórias sentados, outros em pé. A forma ideal é aquela em que o contador se sinta mais confortável e esteja envolvido com o ouvinte através do calor transmitido com a palavra.

Durante o Seminário Internacional de Contadores de Histórias (2009) a contadora de histórias Fátima Café (Foto 2) desenvolveu ações de contações de histórias utilizando elementos externos, dentre eles chapéus, bigodes e máscaras. Aliado aos elementos externos, a voz da contadora colaborou para que as personagens das histórias se tornassem envolventes.



FOTO 2 – Contadora, Fátima Café, usando elementos externos<sup>5</sup>

Já o contador Roberto de Freitas (foto 3), permitiu que os participantes do seminário se deleitassem com a magia envolvente de sua voz, que além de narrar, fazia movimentos e cantava, prendendo a atenção e aguçando o imaginário de quem ouvia a história.

---

<sup>5</sup> Registro feita pela pesquisadora durante o Seminário Internacional de Contadores de Histórias realizado no contexto da 13ª Jornada Nacional de Literatura, em Passo Fundo/RS, em 2009.



FOTO 3 – Roberto de Freitas, contador de histórias, explorando a voz e o corpo.<sup>6</sup>

Cléo Busatto (2003), pesquisadora e contadora de histórias, considera que contar história é uma arte e que o contador de histórias é um *performer*, um homem de ação. Para a autora, é o contador que dá forma às palavras do texto, transformando-o em uma obra viva que envolve o sujeito-ouvinte e o torna num receptor de uma manifestação artística.

Enquanto narradores, menciona Busatto, não se pode esquecer também para que servem os contos, ou seja, quais as suas funções, e que narrar é um desafiante exercício de palavras e afetos. Ela alerta que o contador tem na voz um produto oriundo do imaginário dos ancestrais. O contador deve ser aquela pessoa que acredita naquilo que faz, imprime sua personalidade às narrações e conta com o coração.

Contar com o coração significa entregar-se ao conto, estar inteiramente disponível, doando-se a esta tarefa com prazer e boa vontade. É doar afeto e experiência de vida. Por isso, um aspecto fundamental que precisa fazer parte da vida do contador é a identificação entre o narrador e o conto narrado. Antes de sensibilizar o ouvinte, a história deve sensibilizar o narrador enquanto sujeito-leitor.

Presume-se, pois, que todo contador deveria imitar Sherazade. Antes da experiência de encantar o príncipe com suas histórias, fez a experiência da leitura. Ser um leitor é o primeiro passo para querer ser contador.

---

<sup>6</sup> Registro feita pela pesquisadora durante o Seminário Internacional de Contadores de Histórias realizado no contexto da 13ª Jornada Nacional de Literatura, em Passo Fundo/RS, em 2009.

A coragem de entregar-se sem medo a esta tarefa é outro aspecto a ser considerado pelo contador de histórias. Sherazade decide casar com o príncipe mesmo sabendo que após a cerimônia ele matava as suas esposas. Sua intenção é firme e a certeza de que suas histórias poderiam transformar a visão de mundo do príncipe eram ainda maiores. A jovem, ciente de sua capacidade de seduzir o príncipe por meio das narrativas, por mil e uma noites o mantém preso ao fio de suas palavras e lentamente, pelo contato com as histórias, o príncipe declara-se curado e passa a reinar com sabedoria.

Assim deve ser o contador de histórias. Deve estar preparado, ler muito, enamorar-se da palavra, encantar o público ouvinte por meio das narrativas orais, dar vida ao texto e enfrentar os desafios que se apresentam ao longo das “mil e uma noites”, ciente de que o espaço do imaginário não pode e não deve acabar. O contador deve contar para aproximar o ouvinte das histórias que estão nos livros, a fim de levá-los a fazerem ou refazerem suas histórias de leitores.

Não importa o lugar ou o suporte utilizado, o que importa é que a literatura é inspirada na vida e de que a contação de histórias tem a magia de materializar o verbo, de transformá-lo em matéria viva através da palavra.

Não se pode deixar de enfatizar que o contador de histórias, profissional cujas oportunidades de trabalho se ampliam celeremente na atualidade, precisa ser um conhecedor profundo das histórias que vai contar e das fontes que as inspiraram, dos poemas que vai recitar, das narrativas de cordel que vai dar a conhecer ao público interessado. No que diz respeito ao vocabulário, à identificação das personagens, ao nome dos espaços onde acontece a história, é preciso que esse contador assuma uma dentre duas posições: se está relatando uma história que está impressa, publicada, precisa ser fiel às construções sintáticas, ao vocabulário selecionado pelo autor, à originalidade de seu estilo, verificando se essa linguagem está sendo entendida pelos ouvintes; se está relatando histórias que foram repassadas oralmente, em que a autoria se perde no tempo, precisa ter um compromisso mínimo com uma correção de linguagem, com o desejo de estabelecer uma sintonia com os espectadores, revelando alguns dados necessários à compreensão das mesmas.

Observa-se, pois, que o contador de histórias precisa ler muito e envolver-se com o que lê, ou seja, a familiaridade com uma variedade de textos, a maturidade enquanto leitor, a própria história de leitura constituem condições primordiais para o seu desempenho de mediador da relação de diálogo entre leitor/ouvinte-texto. Quem narra uma história deve conhecer a natureza do texto literário, sua literariedade, sua potencialidade e sua universalidade.

### 2.3 Projetos e ações de contação de histórias: fomento à leitura

Com o avanço das formas de comunicação, o velho hábito de contar histórias foi dando, aos poucos, lugar à informação. Com isso, frente a tanta diversidade de comunicação do mundo contemporâneo, surge a preocupação de resgatar a prática de contar histórias. Isso gerou o aparecimento de muitos projetos que fomentam a leitura e a formação de leitores, como multiplicadores de mediadores de leitura. Surgiram também obras que ampliaram as possibilidades de aproximar os indivíduos do livro.

Constata-se, também, que outros espaços foram conquistados. Apareceram contadores que compartilham suas narrativas orais em eventos e locais não somente literários. Há contadores em bibliotecas, escolas, shoppings e hospitais. Há grupos de pessoas voluntárias que fazem renascer a arte de contar histórias por toda a parte e outras que se dedicam a oferecer importantes fundamentos teóricos e práticos para que a contação de histórias conquiste espaços maiores e insira-se no mundo tecnológico.

Sabendo da importância da prática de contação de histórias para a promoção da leitura, o Ministério da Cultura (MinC) e do Ministério da Educação (MEC) apresentaram um plano voltado à leitura e ao livro no Brasil, especialmente às bibliotecas e à formação de mediadores, visto que estas têm um papel fundamental no desenvolvimento social e da cidadania e nas transformações necessárias para a construção de uma sociedade leitora. Participaram do debate, que conduziu à elaboração deste plano, representantes de toda a cadeia produtiva do livro bem como educadores, bibliotecários, universidades, especialistas em livro e leitura, organizações da sociedade, empresas públicas e privadas, governos estaduais, prefeituras e interessados em geral.

Com o objetivo de intensificar a qualidade da capacidade leitora do Brasil e trazer mais leitura para o cotidiano dos brasileiros, o Plano Nacional do Livro e Leitura - PNLL-, apresenta um conjunto de projetos na área do livro, leitura e literatura.<sup>7</sup>

O PNLL tem como base quatro eixos principais que orientam a sua organização, que são a democratização do acesso, o fomento à leitura e à formação de mediadores, a valorização do livro e comunicação e o desenvolvimento da economia do livro<sup>8</sup>.

No que se refere à democratização do acesso, podem-se verificar projetos e ações que visam à implementação de novas bibliotecas e fortalecimento das já existentes, a conquista de novos espaços de leitura, a distribuição de livros gratuitos, melhoria do acesso ao

---

<sup>7</sup> Disponível em: <<http://www.pnll.gov.br>> Acesso em: 16 set. 2011.

<sup>8</sup> Idem.

livro e a outras formas de expressão da leitura, e incorporação e uso de tecnologias de informação e comunicação (PNLL, p. 39-40).

No que tange à contação de histórias dentro deste eixo, destaca-se o projeto Contadores de Histórias em Hospitais, desenvolvido pela Associação Viva e Deixe Viver<sup>9</sup>, cuja abrangência é nacional. O projeto desenvolve atividades culturais com o objetivo de contribuir com a humanização do ambiente hospitalar, promovendo o estímulo à leitura e ao brincar, por meio do contato com livros e histórias infantis e juvenis, da ação lúdica dos contadores de histórias junto a crianças e adolescentes em hospitais.

Outro projeto neste mesmo eixo é o da Universidade de Passo Fundo, que mantém o Centro de Referência de Literatura e Multimeios, que se destina ao desenvolvimento de atividades multimídiais de ensino, pesquisa e extensão sobre questões de leitura. O Centro desenvolve práticas leitoras a alunos e professores envolvendo diferentes linguagens (verbal, musical, dramática e outras) apresentadas em suportes diversos.

No eixo que aborda o fomento à leitura e à formação de mediadores, destacam-se várias ações e projetos sociais de leitura, formação de mediadores de leitura e estudo e fomento à pesquisa nas áreas do livro e da leitura (PNLL, p. 41). Cita-se o projeto de âmbito municipal desenvolvido pela Prefeitura Municipal de São Leopoldo. O projeto Hora do Conto na Biblioteca capacita mediadores para a atividade de contação de histórias, possibilitando uma atividade qualificada às crianças da rede municipal.

Outro projeto que se encontra em consonância com o Plano Nacional do Livro e Leitura, indo ao encontro dos eixos de ação (I, II e III) do PNLL no tocante à melhoria do acesso ao livro e a outras formas de expressão da leitura, formação de mediadores de leitura, é o projeto Circuito de narrativas com Os Tapetes Contadores de Histórias. O objetivo do mesmo é fortalecer e ampliar o projeto de pesquisa e difusão sobre o diálogo entre oralidade, literatura e artes visuais. Com o trabalho desenvolvido, o projeto contribui para a construção e ampliação do conhecimento e uso da arte de contar histórias em processos educativos e sociais. Desde 1998, esse grupo, com sede no Rio de Janeiro, pesquisa, produz e realiza sessões de histórias que mesclam narração oral, animação de formas e teatro, desenvolvendo uma linguagem singular que tem proporcionado ao público infantil e juvenil, no Brasil e no exterior, novas qualidades de experimentação estética, assim como tem contribuído para despertar o gosto das crianças e jovens pelas artes e pela leitura. O grupo promove ações

---

<sup>9</sup> Associação não governamental de âmbito nacional.

complementares como exposições interativas de seu acervo, “rodas de história” e oficinas, contribuindo para formação de profissionais na arte de contar histórias.

O Ministério da Educação (MEC) também procura desenvolver ações para criar consciência sobre a valorização social do livro e da leitura, lançando uma campanha nacional de estímulo à leitura. Essa campanha utilizou-se dos meios de comunicação de massa para estimular a leitura e valorizar o papel da escola, da biblioteca e da família no desenvolvimento da leitura e formação de novos leitores.

As Jornadas Literárias de Passo Fundo são outra demonstração de ações que corroboram para a valorização da leitura e para a formação de mediadores. As Jornadas contam com a presença de escritores, críticos, pesquisadores, artistas nacionais e internacionais que garantem o aprofundamento dos debates sob diferentes perspectivas, fazendo convergir diferentes áreas do conhecimento no processo de significação dos textos literários, dos textos verbais em geral e não exclusivamente verbais. Em 2009, aconteceu a 13ª Jornada Nacional de Literatura, cujo tema foi “Arte e tecnologia: novas interfaces.”

Como uma das atividades paralelas da 13ª Jornada, realizou-se o Seminário Internacional de Contadores de Histórias. O evento foi marcado por painéis e oficinas ministrados pelos contadores brasileiros Celso Sisto, Fátima Café, Roberto de Freitas e Lúcia Fidalgo e escritores internacionais como Ernesto Rodríguez (Ilhas Canárias), Liliana Cinetto (Argentina) e Juan Gamba (Madrid). O tema do seminário foi “O texto escrito na narração oral: o estilo e a autoria”. Durante os painéis refletiu-se sobre o texto escrito que vira texto oral, abordando questões como os caminhos e limites do texto oral, a performance cênica e o uso de elementos externos.



FOTO 4 – Seminário Internacional de Contadores de Histórias.<sup>10</sup>

Somadas às Jornadas Literárias, outras ações são desenvolvidas em Passo Fundo. Destaca-se o projeto Livro do Mês, que tem assumido caráter singular: mensalmente autores de todo o Brasil visitam a cidade e se encontram com acadêmicos da Universidade de Passo Fundo e com a comunidade, representada principalmente por alunos de ensino fundamental e médio das escolas públicas e particulares do município e da região, que realizam uma leitura antecipada do livro selecionado, preparando-se para o diálogo com o autor. Essa proposta visa à formação de sujeitos leitores críticos, criativos e esteticamente sensíveis.

Recentemente, outra iniciativa de estímulo à leitura e formação de leitores, implantada nas cidades de Tapejara e Erechim, no âmbito do PIM- Programa Infância Melhor, com o apoio da UNESCO, é o Programa Bebelendo: uma intervenção precoce de leitura que envolve, além do bebê, pais, cuidadores, bibliotecários, profissionais da saúde e da educação em espaços de leitura já existentes e em espaços que serão construídos durante a implantação do programa, favorecendo a prática da leitura desde a infância inicial.

Ao analisar-se o mapa das ações e projetos na página do PNLL, constata-se que o Brasil tem bons exemplos no campo do fomento à leitura, incluindo aqui a contação de

---

<sup>10</sup> Registro feita pela pesquisadora durante o Seminário Internacional de Contadores de Histórias realizado no contexto da 13ª Jornada Nacional de Literatura, em Passo Fundo/RS, em 2009.

histórias, com iniciativas que partem de escolas, bibliotecas, empresas, instituições sociais e voluntários.

Os vários exemplos de ações e projetos apresentados neste estudo refletem o esforço conjunto de toda a sociedade para a formação de um Brasil leitor. Unidos em torno das políticas de incentivo ao livro, à leitura e à literatura, estão os contadores de histórias, que buscam, através desta arte, despertar a sensibilidade para a importância das narrativas orais na vida contemporânea.

## 2.4 A inserção da contação em outros espaços no mundo contemporâneo

**Talvez essa seja uma grande ambição (...) criar um ponto de virada, instigar a imaginação, propor outro olhar para se encarar a literatura em seus três níveis – oral, escrito e visual – e apontar as sutilezas que essas três linguagens apresentam quando se entrecruzam.**

**Heloisa Prieto**

No início, só podia-se contar histórias usando a mídia oral. Na pré-história, o conhecimento somente se transmitia de boca em boca, do mestre para os aprendizes, de pai para filho. Quando se queria transmitir um conhecimento tinha-se que contar histórias: criar um ambiente propício com grupos em volta da fogueira, aumentar a motivação, usando apenas a entonação da voz.

Com o passar do tempo, foi possível usar-se a escrita, depois o audiovisual e hoje se pode contar histórias multimídias e digitais. Atualmente, a fogueira é a tela do computador. As histórias com imagens estão nos livros, nos jornais, nas páginas da internet.

Recebem-se todo dia, por e-mail, pequenas histórias contadas e recontadas por amigos e até desconhecidos, normalmente ilustradas por imagens, áudios e vídeos. Na internet, o vídeo se integrou no dia a dia das pessoas: ver e contar histórias em vídeo pelo computador está crescendo cada vez mais.

Certamente as histórias no mundo digital são diferentes das do método clássico de se contar história, que começam sempre com: era uma vez... e terminam quase sempre com: viveram felizes para sempre. As histórias são lineares, tendo como base uma trama com início, meio e fim.

Ao entrar-se numa rede social o que se vê são contadores de casos expondo aos internautas suas pequenas histórias multimídias. Tem-se um ambiente de contar histórias de forma colaborativa, há muitas vozes e estilos diferentes, não lineares, nem mesmo finito. É

um novo canal de comunicação para os contadores neste século, quando, da mesma forma que na pré-história, se pode usar de metáforas e mitos para manter a atenção dos participantes.

O poder exercido pelas narrativas orais na antiguidade pode também ser atribuído, hoje, aos meios de comunicação de massa como a TV, por exemplo, mesmo quando seu caráter informativo esteja sobreposto ao aprendido e à transmissão de valores. Cabe destacar, também, que com o advento do computador e frente a uma quantidade de informações que se tem via internet, outros espaços de construção do conhecimento são estabelecidos. Homens, mulheres e crianças interagem, navegam e inserem-se no mundo tecnológico.

Acredita-se que os aparatos tecnológicos e as narrativas orais podem e devem caminhar juntos, pois há espaços para ambos. Nesse aspecto, não se trata de substituição, mas de interação. A inserção das novas tecnologias é importante na medida em que estimula a construção de novos conhecimentos, pois o fato de se ter acesso às mesmas não qualifica e nem extingue a prática dos velhos hábitos, como a contação de histórias.

Tudo o que é novo, causa certa apreensão e pressupõe revisão de conceitos e atitudes. Cabe também salientar que a questão não está na tecnologia em si, mas na maneira em que ela é utilizada. Não basta modernizar o velho, mas aliar as novas ferramentas às práticas já utilizadas, tendo-se a consciência de que possuir recursos tecnológicos não garante o sucesso de uma ação.

As narrativas orais resistem até hoje porque a sua essência está fundamentada no conteúdo que atravessa todos os espaços geográficos e virtuais, mostrando toda a força e perenidade da palavra narrada a viva voz.

Uma história que atenda aos anseios do ouvinte provoca sempre expectativa, mistério e sedução. De acordo com Sisto (2005, p. 125), “o texto oral não dá tudo pronto para o ouvinte (ou leitor), pelo menos um bom texto. Por isso, o ouvinte adquire uma função ativa na narração: ele tem que ir preenchendo os vazios que a narração vai deixando”.

Quando se fala em novas tecnologias, é impossível negar as vantagens que as mesmas trouxeram às pessoas. Entende-se que crianças, jovens e adultos precisam conviver com os mais diversos suportes, desde o retroprojetor, o projetor de slides, o mural, o cartaz, a fotografia, o livro impresso, o projetor multimídia, o CD-ROM, o CD de áudio, o DVD e a internet. Do mesmo modo, é essencial que tenham acesso às diferentes linguagens que circulam na sociedade, como a pictórica, a musical e a dramática e, conseqüentemente, a linguagem verbal.

A utilização de todo este aparato tecnológico não pode ter como objetivo a substituição do ritual da contação. Acredita-se que não se trata de substituir a relação contador x público, mas de construir relações que enriqueçam esta atividade e que seja focada na construção de novos saberes, de novas vivências que continuem garantindo a transmissão intergeracional do conhecimento.

Frente a tantos avanços, faz-se necessário promover uma interação entre tecnologias e contação de histórias, principalmente no ambiente escolar, tendo consciência de que não basta apenas contar uma história utilizando outro suporte, mas que é preciso ressignificar esta prática, conservando suas características e sua linguagem.

É de suma importância que pais, animadores culturais, professores e contadores, que estão ressurgindo e voltando a contar mil e uma histórias, estejam empenhados em resgatar a contação oral, pois tal ato faz parte da índole humana. Vivendo-se em uma sociedade que está imersa em tecnologia, é vital saber que:

[...]... os alunos conectados à internet não pertencem mais ao mundo da didática transmissora de conteúdos estanques e não-interativos e que a velocidade das máquinas e das telas virtuais jamais substituirá a candura da voz, o olhar transfigurado, o jeito meigo e a paciência dos contadores de histórias no momento em que presentificam a polifonia das vozes nos livros, especialmente os de ordem literária (WESCHENFELDER, 2005, p. 124).

O ato de contar histórias deve ser mantido e estimulado evitando que seja substituído por atitudes mecânicas como apertar o botão do controle remoto, controlar o mouse ou inserir um DVD no vídeo. Não se deve deixar que esta expressão cultural – a narrativa oral – perca seu espaço diante da tecnologia – televisão, vídeo, computador. O objetivo maior deve ser a conquista por algo mais intenso e dinâmico, que passe a fazer parte do ouvinte e desperte nele a necessidade de tornar-se um leitor competente em várias linguagens.

A narrativa oral, tão comum aos homens desde os primórdios e tema desta investigação, torna-se uma fonte inesgotável para a imaginação e a criatividade e, quando aliada aos novos aparatos tecnológicos, estimula e inova, sem perder sua identidade.

Atividades orais e em meio eletrônico viabilizam a construção e a transmissão de novos conhecimentos, ressignificam práticas de narração de histórias para a formação de leitores sensíveis e competentes. É necessário, pois, pensar formas de manter o potencial dos recursos tecnológicos sem diminuir o valor das atividades já consolidadas no contexto social como a contação de histórias, com o intuito de construir novos saberes e dinamizar diferentes práticas de leitura.

O tempo passa e os narradores de histórias vão se transformando e incorporando novas formas de contar histórias, seja na roda de conversa, no hospital, no shopping, na escola e fazem com que a magia do “Era uma vez...” não perca a amplitude imaginária que exerce sobre o eu-comunicante e o tu-interpretante.

Encontram-se, atualmente, muitos contadores que se dedicam a arte de contar histórias utilizando-se de recursos tecnológicos, porém, a forma tradicional de contação está renascendo por toda a parte. Hoje, nos grandes centros há inúmeros contadores de histórias fazendo trabalho de qualidade e sendo reconhecidos e muito requisitados.

Há contadores de bibliotecas, escolas, hospitais e nos diversos espaços culturais. Há grupos de pessoas voluntárias que leem contos para crianças hospitalizadas. Ninguém mandou, não é uma moda importada; parece que se trata de um sentimento de urgência que faz renascer das cinzas uma ética adormecida, uma solidariedade não mais do que básica, num mundo de cabeça pra baixo (MACHADO, 2004, p. 14-15).

Observa-se nas palavras de Machado, que ainda há espaço para as narrativas orais no mundo contemporâneo e que os contadores de histórias têm uma função inigualável nesta tarefa. Com uma imensidão de ouvintes e leitores, acredita-se ser possível uma relação entre a contação de histórias e novas tecnologias conservando-se as particularidades de cada uma, pois ambas ajudam a construir conhecimentos significativos.

Os tempos mudaram, porém as histórias continuam a ecoar na voz dos contadores que se revelam no seio de suas comunidades ou dos contemporâneos que utilizam novos suportes.

Conforme Busato, a arte que pedia tempo e corpo presente para se desenvolver, se integrou à velocidade da virtualidade, assumindo novas feições, como as histórias mediadas pelo digital.

Segundo a contadora,

esta arte já não tem como característica apenas uma provável despreensão dos antigos contadores, que se reuniam ao redor do fogo, ao pé da cama. Por outro lado, imprimiu-se nela uma sofisticação técnica, com detalhes que fazem a diferença, como um texto mais elaborado sintaticamente, imagens visuais e paisagens sonoras nítidas, e apresenta um sujeito-contador com domínio dos recursos vocais e corporais. Muda a forma, muitas vezes o texto e o contexto. Também muda a intenção do contar, mas permanece o que é essencial: a condição de encantar, de significar o mundo que nos cerca, materializando e dando forma às nossas experiências (BUSATTO, 2006, p. 9-10).

Neste século, narrações de histórias em vários suportes são encontradas e podem ser consideradas como instrumentos que servem de elo entre os diferentes entendimentos da fruição dessa arte. A inserção de novos elementos e a sofisticação técnica fez com que o contar histórias migrasse para outros meios sem dispensar a presença humana e, sobretudo, sem perder o objetivo primordial que é o de encantar através da arte da palavra dita.

Vive-se num mundo regido pela informação e integração social eletrônica e, não indiferente a isto, os contadores se lançam em novas experiências com narrações em meio digital. Há contadores tradicionais, contemporâneos e virtuais interagindo, conquistando e dividindo espaços. Eles chegam trazendo consigo a candura da voz; outros carregam malas, bonecos, fantoches, máscaras, roupas, chapéus; outros chegam cantando, gesticulando, fazendo mímicas, portando aparelhos sonoros. Eles estão por toda parte: nas esquinas, nas praças, nas bibliotecas, em festivais, nos shoppings, no mundo virtual, nos programas de TV, nos CDs e DVDs.

O contador contemporâneo encontra-se inserido no contexto de uma cultura letrada, se apropria da palavra falada, da escrita, da imprensa e das novas tecnologias. Carrega consigo marcas de outras artes como o canto, a poesia, o teatro, sem deixar de lado sua experiência pessoal de mergulhar no mundo do imaginário e sua voz.

A voz hábil do narrador ecoa forte e adapta-se às novas situações impostas pela tecnologia, porém, Busatto afirma:

Mesmo assumindo tantas roupagens distintas, tantas caras, tantos jeitos e trejeitos, a narração oral de histórias não deveria perder a condição primeira dessa antiga arte, que é funcionar como uma ponte entre as diferentes realidades. (...) A contação oral no século XXI corre o risco de se tornar mais um produto da indústria do lazer, e penso que, se isso acontecer, perde-se o encanto, a magia, o sopro primeiro da manifestação do mito (2006, p. 83).

Acredita-se que o contar histórias oralmente é hoje uma profissão, porém não pode perder sua essência enquanto arte. Antes de gerar lucro, o contar histórias deve gerar prazer ao eu-comunicante e ao tu-interpretante e o contador deve ser aquele mediador que narra com naturalidade, com desenvoltura, com propriedade e com domínio dos elementos e mecanismos que estão à sua disposição e podem enriquecer ainda mais a arte de narrar.

Da oralidade ao texto escrito. Do texto escrito aos novos suportes. Da tela do computador chega-se ao e-book. São novas roupagens em um novo tempo e a mediação da voz do contador lança novos desafios para os sujeitos leitores/ouvintes. Desde sempre foi assim e o contador soube agregar as pessoas em torno de si e concretizar o ato comunicativo.

Conforme Charaudeau (2008), basta apenas um contrato de comunicação bem articulado por meio de um texto, sonoridade, ritmo e intenções e o ato comunicativo terá êxito.

#### 2.4.1 A narração oral: um momento festivo

O contador oral de histórias faz parte de um grupo social que retém as informações por meio da oralidade, apesar de conviver numa sociedade letrada. São pessoas que orientam sua performance pelo oral.

Corroborando com isto, Busatto declara que o contador tradicional

é um comunicador que adquiriu o dom de narrar influenciado pelo meio em que habita, transformando-se na memória coletiva da sua comunidade e transmitindo, por meio dos contos, lendas e mitos, as raízes culturais de seu povo (2006, p. 19).

Para seduzir oralmente o ouvinte, captando sua atenção, o contador não precisa contar a história usando chapéus, mantos, fantasias. A postura, a voz e a expressão do corpo é que têm de ser distintas.

Faz-se necessário modular a voz para tornar a narração mais atraente, fazendo as vozes dos personagens, sem encená-los como faz um ator.

Outro aspecto a ser destacado é a preparação do texto, mantendo as características que o autor quis dar a ele, identificar as partes que o formam (introdução, desenvolvimento, clímax, desfecho) e colocar a voz e o gesto respeitando o ritmo e as pausas, que a cada momento permitirão uma melhor fruição. É preciso criar um clima de envolvimento, de encantamento. As pausas são importantes para que o ouvinte possa criar, em seu imaginário, as figuras e cenários que o texto suscita.

Não repetir mecanicamente o texto também é de suma importância. É preciso lê-lo muitas vezes para reconhecer seus detalhes essenciais, e mais ainda, não se pode ter pressa: é preciso se apaixonar pela história e pela palavra pronunciada e contar pelo prazer de dizer.

O contador precisa valorizar o momento do conflito e dar tempo para que cada ouvinte o vivencie e tome sua posição. Ele tem que transmitir confiança, motivar a atenção e despertar a admiração.

As imagens sonoras enriquecem a imaginação e o contador deve explorá-las como um trunfo a mais, que permite ao ouvinte atuar sobre o texto ouvido, criando mentalmente as imagens sugeridas pelo som.

Para ser um bom narrador, a grande dica é ler muito: livros, jornais, as pessoas, a vida e, sobretudo, narrativas. Ou melhor, é preciso conhecer os mais variados textos: da imprensa, da escola, documentários, obras de ficção.

Sisto (2008), alerta que contar bem uma história é também saber evitar o didatismo e a lição de moral; os estereótipos da palavra e dos gestos; o maniqueísmo e os preconceitos; o óbvio, o modismo e o lugar comum. Ele acrescenta, também, que para contar melhor uma história o contador tradicional tem de colocar emoção, gostar do texto e adequá-lo ao público, usar o corpo, a voz e o olhar com naturalidade, ritmo e espontaneidade. Depois, é só deixar a história fluir.

#### 2.4.2 A arte de contar histórias no cinema

O cinema hoje está longe daquela tecnologia do fim do século XIX, quando os irmãos Lumière promoveram a primeira exibição, na feira russa, Nizhi-Novorod, baseada em fotografias em movimento. (MACHADO, 2002) Atualmente, a possibilidade que o homem tem em interagir com o que está vendo e de certa forma participar do processo, se contrapõe com o fato inicial, quando ele era apenas um espectador.

A evolução técnica que possibilitou o surgimento do cinema nunca parou. Com o passar dos anos, essas mesmas possibilidades afetaram a concepção dos roteiros, do escrever e narrar uma história. Com o uso de imagens cada vez mais próximas da perfeição, a velocidade no contar histórias vem se acentuando.

O cinema desde sua criação, quando as tecnologias eram mínimas, até os dias atuais, quando virtual e real se misturam, passou por grandes transformações e continua sendo um meio de comunicação de massa que fascina e causa espanto para muitas pessoas.

O cinema e a literatura, apesar de serem duas formas distintas de expressão artística, têm profundas ligações entre si. Assim como a arte de contar histórias, o cinema trabalha com o mundo dos sonhos, da emergência do imaginário e o que ele tem de excêntrico e encantador. A arte cinematográfica seduz e encanta fazendo o público ver lendo o que a literatura traz. Assim como a literatura influenciou a produção cinematográfica, o cinema influencia a literatura.

Observa-se que a contação de histórias também conquistou seu espaço nas telas do cinema. A inserção dos contadores no mundo cinematográfico contribuiu para a valorização e entendimento da arte de contar histórias como elemento essencial na construção do mundo, propondo uma reflexão sobre a importância do contador de histórias.

Como referência destaca-se o filme *Narradores de Javé*. Os moradores do povoado fictício de Javé, ameaçado de extinção, se unem para reconstruir, com testemunhos da memória oral, sua história.

A obra cinematográfica aborda diversos temas como a formação cultural de um povo, suas heranças históricas, seus valores, costumes, e a importância da oralidade na construção da identidade coletiva, a dimensão da escrita e da fala; o confronto entre o progresso e as tradições.

A trama faz refletir sobre a grande diferença que existe entre a linguagem oral e a linguagem escrita, sendo a linguagem oral a primeira facilmente manipulada pelos moradores da cidade, e isso, conseqüentemente, é passado para a segunda, que é a escrita, gerando a grande questão da obra: como provar que os relatos das pessoas eram verdadeiros se não existiam formas de comprovar esta verdade, ou seja, algo de científico?



FOTO 5 – Capa, em DVD, do filme *Narradores de Javé*

Hoje, o domínio da visão sobre os outros sentidos é tão forte a ponto de parecer ameaçar as mídias verbais. Vive-se numa época em que os novos meios de difusão não-escrita do pensamento, como o cinema, podem ajudar na disseminação de obras e ideias que já não usem o circuito normal do texto escrito. “Não poderíamos, pois, dizer, que os filmes, os

vídeos, os discos e muitos programas de rádio e televisão são os “livros” de nosso tempo?” (MACHADO, 2002, p. 179).

Acredita-se que a migração da arte de contar histórias para outras mídias com diferentes linguagens, como o cinema, colabora na difusão da cultura e na formação de sujeitos leitores-espectadores críticos, criativos e esteticamente sensíveis.

#### 2.4.3 As narrações em meio televisivo

Sabe-se que as histórias têm sido usadas através da trajetória da humanidade para ajudar pessoas a se expressarem criando um senso de identidade, promovendo o crescimento pessoal e favorecendo inclusive o bem-estar físico. Elas podem surgir de vários contextos, incluindo o grupo cultural, a família e o indivíduo.

O poder exercido pelas narrativas orais na antiguidade pode também ser atribuído aos meios de comunicação de massa como a TV, mesmo quando seu caráter informativo esteja sobreposto ao aprendizado e à transmissão de valores.

Contrariando muitas opiniões acerca da influência negativa da televisão na formação das pessoas, acredita-se que ela pode ser uma aliada na disseminação, não só de informação, mas também da leitura, como afirma Rettenmaier & Fanfa:

A televisão, assim como os outros portadores de mídia, não é um elemento de destruição da inteligência; pode servir, de fato, como condutor entre sujeito e a realidade, entre o sujeito e outros sujeitos, entre o sujeito e outros saberes, entre o sujeito e os livros. Como um lugar de comunicação, a televisão pode ser, indiscutivelmente, espaço de cultura e de pensamento (2009, p. 230).

A televisão abre horizontes capazes de influenciar a promoção e a difusão da leitura, visto que apresenta uma diversidade de gêneros e linguagens. Nela é possível encontrar algumas experiências que aproximam o livro e a TV e que são capazes de transformar leitores passivos em ativos.

Em vista disso, os contadores de histórias invadem também as telas da TV e, com consciência e responsabilidade, fazem a arte de contar histórias chegar mais perto dos seus ouvintes/leitores. Como agentes promotores de leitura, os contadores, atentos a estes novos leitores televisivos, procuram usar as tecnologias da comunicação existentes para a formação e desenvolvimento de leitores críticos e reflexivos.

Há muitos programas de televisão que surgiram para ajudar a propagar as histórias e “expor para o leitor televisivo, o prazer de viajar pelo mundo dos livros” (RETTENMAIER &

FANFA, 2009, p. 234). Cita-se aqui, o programa televisivo *Mundo da Leitura*, de responsabilidade da Universidade de Passo Fundo, exibido pela UPFTV e Canal Futura. O programa é destinado a um público formado por crianças com faixa etária entre 06 e 11 anos de idade.

A pesquisadora responsável por este estudo investigativo tem um fascínio especial por contar e ouvir histórias e, ao longo do período de sua preparação na Universidade de Passo Fundo, teve a oportunidade de participar da gravação de uma contação de histórias que foi ao ar no Canal Futura.



FOTO 6 – História *Por que o cachorro foi morar com o homem*, exibido no programa *Mundo da Leitura*

Foi uma experiência inovadora dentre todas as práticas já realizadas pela mesma, pois da contação oral de histórias para as telas da TV há uma diferença considerável.

Como em qualquer contação, há um texto para ser assimilado e devolvido oralmente durante a gravação. A fidelidade do contador ao texto também existe e é muito rígida; o cenário, diferente da narração oral, é fundamental para que a história transcorra; a modulação da voz é treinada tantas vezes for necessário e, caso não esteja a contento, é feita a regravação.

Apesar das diferenças existentes na forma da atuação do contador, considera-se muito válida esta prática, pois, da mesma forma que a contação tradicional, quando feita em meio televisivo exige do contador o domínio do texto, modulação da voz, postura e habilidade no uso dos elementos externos.

É uma forma de comunicação em que a oralidade passa a dividir espaço com a comunicação da imagem, do símbolo, do movimento. A narração, além de ser falada, pode ser vista e interpretada pelo tu-interpretante. A visão, sentido tão privilegiado nessa cultura, passa a ser o centro de explorações.

Ao trilhar os novos caminhos instaurados pelas inovações tecnológicas, as histórias colocam o contador frente a um aparato surpreendente e, diante desta realidade, o mesmo deve ser levado a buscar formas de trabalhar o texto literário e suscitar leitores e apreciadores da arte da oralidade.

#### 2.4.4 Narração de histórias em DVD

Atualmente, com a existência de diferentes recursos tecnológicos, o ato de contar histórias passou a ser difundido de distintas maneiras, em diferentes suportes. Não se pode deixar de salientar, contudo, em meio a essas transformações, o valor da comunicação oral presencial, a singularidade da contação de histórias entre pessoas que estejam frente a frente.

Acredita-se ser possível uma relação entre contação de histórias e novas tecnologias, desde que se respeitem as particularidades de cada uma; planejem-se como os dois serão utilizados; compreenda-se que tanto contação de histórias quanto as novas tecnologias podem ajudar a construir conhecimentos e não apenas repeti-los ou exibi-los.

O mercado editorial tem se preocupado em oferecer histórias publicadas no formato livro e apresentadas, paralelamente, em DVD. Assim, o leitor pode apreciar o mesmo conteúdo em distintos suportes, enriquecendo o processo de apreensão dessas histórias.

Para analisar-se o ato de narrar histórias em meio eletrônico, tomou-se como exemplo a publicação “Os mais belos mitos afro-brasileiros”, organizada por Marco Catalão: uma publicação com 6 livros, um DVD e jogos a serem realizados após ler os mitos e assistir à sua apresentação em DVD.



FOTO 7 – Capa do DVD que acompanha a coleção *Os mais belos mitos afro-brasileiros*, de Marco Catalão.

A coleção é composta por seis histórias: “Promessa é dívida”; “O caçador de uma flecha só”; “Justiça seja feita!”; “Segredo de Oiá”; “Os lavradores infiéis” e “O príncipe que não sorria.”

As histórias são narradas nos DVDs por dois contadores, Anderson Brongna e Carmelina de Toledo Piza, que dão vida ao texto escrito, sendo fiéis a ele. Ao narrarem os mitos, levam o ouvinte a ultrapassar a compreensão pura e simples da história. O manejo da voz e os gestos dos contadores colaboram para que os elementos externos e internos conservem o prazer do contar pelo dizer.

Os contadores estabelecem logo de início uma relação de proximidade com o leitor-espectador, através das evocações que fazem e da voz que conta, recuperando a tradição oral. Esta relação de proximidade é nominada por Charaudeau (1992) como ritual de abordagem e constitui as condições de entrada em contato com o interlocutor. O jogo interlocutivo que o contador estabelece com o tu-interpretante audiovisual no ritual de abordagem substitui a tradicional expressão “era uma vez”.

Merece registro o jogo de contrastes que a narrativa estabelece entre ficção e realidade, seja nas ilustrações do livro, que formam o cenário, como no uso dos elementos externos pelos contadores, como roupas e acessórios.

Embora a narração das histórias ocorra de forma monolocutiva, ela passa a ser de natureza interlocutiva no momento em que o autor, Mário Catalão, propõe jogos como quebra-cabeça, jogo da memória, montagem de personagens e cenários que permitem a interação do leitor com a obra.

Após analisarem-se alguns aspectos desta publicação, que é uma pequena amostra das existentes no mercado, que visam fazer a transposição do texto oral e impresso para outros suportes, sem deixar que a essência das narrações orais seja substituída por outros elementos, percebe-se a necessidade da utilização de novas estratégias discursivas por parte dos contadores de histórias, a fim de que o novo leitor seja capaz de estabelecer associações intertextuais com outras histórias impressas, programas de TV, produções cinematográficas e outras vinculadas em seu cotidiano.

#### 2.4.5 Contando histórias em meio digital

Num país onde há uma diversidade muito grande de leitores, a contação de histórias, seja tradicional seja virtual, é um caminho para estimular a leitura. Nessa perspectiva, a

inserção das histórias nos meios tecnológicos tende a despertar o interesse dos neoleitores, assim como qualquer outro recurso criado para facilitar o trabalho humano.

Os usos das tecnologias digitais não devem ser visto como substituição da antiga forma de contar histórias, mas como uma forma de disponibilizar ferramentas ao ser humano para que ele construa novos conhecimentos e tenha habilidade de vivenciar situações comunicativas e de leitura em vários suportes. Sobre isto, Lévy afirma que,

[...] é um erro pensar que o virtual substitui o real, ou que as telecomunicações e a telepresença vão pura e simplesmente substituir os deslocamentos físicos e os contatos diretos. A perspectiva da substituição negligencia a análise das práticas sociais efetivas e parece cega à abertura de novos planos de existência, que são acrescentados aos dispositivos anteriores ou os complexificam em vez de substituí-los (1999, p. 211).

Destaca-se que, na era digital, não é mais o leitor que segue as instruções da leitura e se desloca no texto, mas é um texto móvel que apresenta suas facetas, gira, torna e retorna à vontade diante do leitor.

O leitor/ouvinte das telas eletrônicas é um leitor com características diferentes daquele da era do livro impresso e da imagem expositiva. Ele difere também do leitor do mundo em movimento como o do cinema e do meio televisivo.

No meio digital nasce um novo leitor, substituindo o que lia ou via passivamente, de forma unitária, por outro que se envolve em suas navegações, saltando de tela em tela e programa suas leituras, é aquele que está imerso no ciberespaço e que fez emergir um texto sem fronteiras próprias, sem interioridade definível.

As mudanças estão ocorrendo aceleradamente em toda parte e no interior de cada ser humano, principalmente na forma de representar o mundo e de comunicar-se. Em vista disso, é imprescindível permanecer atento às inovações tecnológicas que trazem uma configuração nova de linguagem, o surgimento de um novo leitor e o aparecimento de uma de novo cenário comunicacional, onde, segundo Lévy, “o objeto principal da comunicação não será nem a mensagem, nem o emissor, nem o receptor, mas o hipertexto” (1993, p. 73).

Falar em tecnologia ou no uso das mesmas hoje parece um assunto bastante comum, porém tudo que é novo pressupõe o aperfeiçoamento de descobertas feitas anteriormente. Assim acontece com as histórias narradas a viva voz, que passam a fazer parte não mais do ritual da roda em torno da fogueira, mas que migraram para o mundo virtual. Ainda é possível acomodar-se em uma roda, porém em torno de um notebook e acessar belas histórias armazenadas nas redes, como no You Tube.

Há uma diversidade de contações de histórias que foram postadas no mundo virtual e que encantam pelo poder da palavra, aliada aos recursos sonoros e visuais, marca esta que diferencia a contação tradicional a viva voz.

Destacam-se aqui duas histórias acessadas no You Tube ao longo deste estudo investigativo. A primeira delas é a história “A lenda do contador de histórias”<sup>11</sup>, que reafirma o tema deste estudo, que é a arte de contar histórias, evidenciando o poder que ela tem sobre as pessoas.



FOTO 8 – A lenda do contador de histórias- imagem postada no You Tube

A narração, com direção de José Gaspar, aborda o poder de transformação de uma história, a distância que há entre quem conta e quem ouve e o dom que se precisa ter para ouvi-las.

Na narração, o contador, diante da morte, faz uma viagem ao seu mundo interior e no silêncio, reencontra a magia das histórias armazenadas em sua memória e nas suas experiências vividas. Sobre isto, Benjamin afirma que “é no momento da morte que o saber e a sabedoria do homem e, sobretudo sua existência vivida- e é dessa substância que são feitas as histórias- assumem pela primeira vez uma forma transmissível.” (1994, p. 207)

---

<sup>11</sup> Disponível em: <[http://www.youtube.com/results?search\\_query=A+lenda+do+contador+de+hist%C3%B3rias&aq=f](http://www.youtube.com/results?search_query=A+lenda+do+contador+de+hist%C3%B3rias&aq=f)> Acesso em: 10 dez. 2010.

A segunda história acessada foi “Cabe na mala?”, dos Tapetes Contadores de histórias<sup>12</sup>. Ela consiste numa narração, onde malas servem de cenário para histórias de Ana Maria Machado e Jutta Bauer. Nesta contação, malas se transformam em cenário de tecido e os contadores dão vida e cor às formas e personagens.



FOTO 9 – Tapetes Contadores de Histórias- imagens postadas no You Tube.

Não há como negar que com o advento do computador e a quantidade de informações a que se tem acesso através da internet, outros espaços de construção do conhecimento surgem e envolvem o desenvolvimento de homens, mulheres e crianças e sua relação com as novas tecnologias.

Seja onde for que as histórias soem, seja na voz do contador tradicional ou na do contador virtual, as histórias permanecem. No entanto, o ato de inserir as histórias no mundo digital, por si só não garante uma melhor qualidade. O grande desafio é usar a criatividade e aliar a tecnologia à vida cotidiana e às histórias.

---

<sup>12</sup> Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=Do3cEnlvfOc&playnext=1&list=PLF09E3CE822EF504F&index=1> Acesso em: 10 dez, 2010

### **3 DIÁLOGO ENTRE CONTADOR E OUVINTE: ETAPAS DA REFLEXÃO**

**Se nossas conclusões somente são possíveis em razão dos instrumentos que utilizamos e da interpretação dos resultados a que o uso dos instrumentos permite chegar, relatar procedimentos de pesquisa, mais do que cumprir uma formalidade, oferece a outros a possibilidade de refazer o caminho e, desse modo, avaliar com mais segurança as afirmações que fazemos.**

**Rosália Duarte**

As histórias existem para serem contadas, serem ouvidas e conservadas na memória da humanidade. Neste vai e vem da humanidade, as histórias e seus contadores sempre estiveram presentes.

Do início da oralidade até a atualidade, muita coisa mudou na arte de narrar oralmente. Vive-se em uma sociedade que passa por mudanças provocadas pelo uso das tecnologias de informação e comunicação como o rádio, a televisão, a internet, entre outros. Diante disto, a pesquisa objetiva investigar a prática de contação de histórias na contemporaneidade, bem como a atuação dos contadores e a formação de novos leitores imersos na era digital.

Desse modo, faz-se necessário identificar ações desenvolvidas por contadores de histórias e embasar teoricamente a ação de contar histórias e sua inserção em meio digital. Finalmente, faz-se mister analisar a importância da contação de histórias pelos pais, cuidadores e professores para a formação de indivíduos críticos e conscientes da realidade em que vivem.

Num primeiro momento, a pesquisadora aproveitando seu interesse pela arte de contar histórias e suas vivências como contadora de histórias em formação, buscou suporte teórico para uma melhor compreensão acerca das questões norteadoras do estudo. Além de ampla pesquisa bibliográfica em livros, a proponente participou de várias oficinas de contação de histórias, seminários e buscou, em meio digital, experiências que relatassem a performance dos contadores neste suporte.

Para fundamentar a importância da comunicação oral, buscou alguns conceitos de análise semiolinguística do discurso, do teórico francês Patrick Charaudeau (2008); a Estética da Recepção alicerçada em Hans Robert Jauss (1994) e Wolfgang Iser (2002), fundamenta a investigação uma vez que considera o leitor o responsável pela concretização da obra literária. Em Ong (1998), encontra-se suporte para abordar os contrastes entre a oralidade e a cultura escrita, bem como os atos da fala e da recepção. Ao apoiar-se em Lévy (1993), busca-se embasamento para demonstrar que, através do avanço dos meios de informação e

comunicação, novos processos de pensamento e de relações estão sendo elaborados pela sociedade. Com Benjamin (1994), reflete-se sobre a experiência da narração de histórias e os perigos de sua extinção, assim como, a figura do narrador.

Nesta abordagem, foram relevantes também as ideias e experiências de pesquisadores como Arlindo Machado, Miguel Rettenmaier, Regina Machado, Gislaíne Matos, Inno Sorsy, Ieda Oliveira, Nancy Mellon, Celso Sisto, Heloisa Prieto, Cléo Busatto, entre outros.

O trabalho de investigação compreende uma pesquisa de campo e que pode ser considerada qualitativa pela abordagem da questão central, a respeito da arte de contar histórias e da formação de novos leitores na era digital. O contato com os sujeitos foi feito durante o Seminário Internacional de Contadores de Histórias, em Passo Fundo, realizado no contexto da 13ª Jornada Nacional de Literatura, no período de 27 a 30 de outubro de 2009. Os sujeitos foram informados sobre o porquê do trabalho e de que o questionário consistia no relato de suas vivências sobre a contação de histórias. Em relação ao questionário propriamente dito, é necessário salientar que foram contatados nove contadores, sendo que cinco deles não responderam.

Foram quatro os sujeitos da pesquisa: dois brasileiros - Eládio Vilmar Weschenfelder e Beto Mayer, ambos de Passo Fundo e dois contadores espanhóis - Juan Gamba, de Madrid e Ernesto Rodríguez, das Ilhas Canárias. A seleção dos sujeitos da pesquisa teve como critério básico o fato de serem contadores de histórias, profissionais ou não, e que fazem da arte de contar histórias uma prática em suas relações pessoais e profissionais.

O instrumento utilizado foi uma ficha de entrevista, enviada, posteriormente, por email, que apresentava um conjunto de questões acerca da importância das narrativas orais e de seus contadores, as vivências pessoais, as experiências de leitura, as tecnologias de comunicação e informação no cotidiano dos entrevistados.

Os sujeitos contatados, após responderem às questões por escrito, remeteram, via email, a ficha para a pesquisadora. Destaca-se que o roteiro da entrevista foi igual para todos e cada um seguiu seu percurso de apontamentos.

Assim, inicia-se a investigação em busca de informações, referenciais e experiências que sustentem os questionamentos propostos e respondam as inquietações, bem como provoquem uma reflexão sobre a importância dos contadores de histórias, sejam eles contadores de histórias sem autoria, àquelas repassadas de geração para geração, sejam histórias com autoria, na vida do leitor em formação, instigando a imaginação, a sensibilidade e viabilizando um contato com um repertório diversificado de histórias.

Após a pesquisa de campo, avaliaram-se os dados pertinentes ao trabalho em questão, analisando-se em relação a seus objetivos, ao tema proposto. As informações colhidas nas entrevistas foram analisadas e cotejadas à luz do embasamento teórico proposto pelos autores selecionados para dar suporte a este estudo. Os achados provenientes do cruzamento das informações são apresentados e discutidos no capítulo seguinte.

Espera-se que a presente pesquisa possa corroborar para que a arte de contar histórias, oriundas da tradição oral ou da contemporaneidade, seja sempre bem-vinda, assim como seus contadores.

#### 4 CONTATO HUMANO PELA VOZ: APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Após realizar um levantamento das respostas obtidas através do questionário, passou-se a analisar as respostas de cada sujeito, estabelecendo-se aproximações e diferenças existentes.

A primeira questão buscou identificar aspectos referentes à história pessoal de cada sujeito enquanto leitor. A questão foi assim formulada: “Relate a história desse leitor que, agora é um contador de histórias.” Das quatro experiências relatadas, três delas revelam que a história pessoal desses sujeitos provém do ambiente familiar e do ato de ouvir histórias, conforme consta-se nos depoimentos a seguir:

Desde que tengo memoria mi madre me leía cuentos. Me leía historias de pequeño en la cama, y luego más mayor cuando viajábamos me leía novelas (como la Historia Interminable de Michel Ende) (Contador A).

Sempre tive fascínio pelas histórias, tanto as narradas oralmente quanto as contidas escritas. Largava tudo para ouvir as histórias, não importando quanto tempo durassem, assim como para ler contos, crônicas, romances, poemas, não ficando satisfeito até não lê-las e recontá-las, a quem quer que tivesse a paciência, inúmeras vezes, até saciar-me por inteiro. Caso ouvisse um comentário positivo sobre um livro, fazia tudo para adquiri-lo e guardá-lo para novas leituras (Contador B).

Las historias narradas y los libros siempre fueron un lugar en el que encerraba mis miedos, mi timidez, mis sueños. En los libros encontraba las explicaciones que la vida no me podía ofrecer. Fui un niño que crecí rodeado de narradores, mi madre, una vecina, la madre de una amiga me llevaban a mundos soñados, a historias que me hacían crear relatos. Luego, el bibliotecario de mi pueblo me acompañó en un viaje inolvidable por los libros (Contador D).

Pode-se verificar, a partir das respostas, que a presença dos mediadores de leitura desde a mais tenra idade é fundamental para que se adquira o gosto pela leitura. Observa-se que contar ou ler histórias forma ouvintes e leitores e que, para os sujeitos pesquisados, a leitura teve a mediação de contadores, representados por bibliotecários, mães e vizinhas.

Outro aspecto comum entre os contadores, sujeitos desta pesquisa, é o gosto por textos literários, entre eles os contos, novelas, poemas e crônicas. Dentre as leituras citadas estão os clássicos da literatura Infantil.

Quando o “Contador D” relata que as histórias narradas e os livros sempre foram um lugar no qual encerrava seus medos, sua timidez e seus sonhos e que nos livros encontrava explicações que a vida não lhe oferecia, relembra-se as ideias de Prieto, quando afirma que “certas narrativas exercem uma grande influência sobre o imaginário familiar, cultural, ou ambos, como se nos possuíssem. Elas condicionam o nosso modo de ver a vida, de tomar

decisões, de resolver os problemas afetivos e assim por diante” (1999, p. 22). Por sua vez, Machado corrobora dizendo que “as histórias possibilitam um contato com constelações de imagens que revela para quem escuta ou lê a infinita variedade de imagens que temos dentro de nós como configurações de experiências” (2004, p. 27).

Nas respostas dos sujeitos percebe-se que, quando a criança aprende a gostar de ouvir histórias contadas ou lidas, ela adquire o impulso inicial que mais tarde a atrairá para a leitura.

O relato do “Contador C”, apesar não aludir a respeito da sua história de leitor, demonstra que a arte de encantar através das histórias faz parte de seu cotidiano de ator e que a contação veio lhe trazer algo a mais, cuja influência foi de um contador de histórias profissional.

Chama a atenção no relato dos sujeitos, a maneira como eles se definem como leitores e a relação que têm com a literatura, como ilustram os fragmentos a seguir:

Así me hice un lector compulsivo, aficionado a las novelas y a los cuentos modernos (Cortazar y otros maestros) (A).

Las grandes novelas de aventura, las clásicas historias de amor, la literatura de terror. García Márquez y García Lorca, forjaron un mundo narrativo y un universo teatral y poético que me acompañan hasta la actualidad. Esos mundos llenaron mi vida de historias que más tarde desearon salir de mí, ser narradas hacia los demás. La narración es una necesidad en mí. Una manera de decirles a los demás cómo es mi mundo. Como narrador pienso que lo más importante es hacer sentir al oyente la misma pasión por la literatura (D).

Em primeiro lugar é importante dizer que esse contador de histórias é, ao mesmo tempo, um ouvitor de histórias narradas presencialmente e leitor de textos em múltiplos suportes. Não há como dissociar a audição de histórias e o ato de ler da arte de contar histórias. Quer dizer, a sobrevivência do contador de histórias depende diretamente da ação de ouvir histórias e da leitura dos textos literários, especialmente dos clássicos (B).

A abordagem dada na primeira questão sobre a história pessoal de cada sujeito enquanto leitor, deixa transparecer que a motivação para leitura se dá em meio às narrativas orais, pois esta incentiva o gosto pela leitura tanto quanto a criatividade e a imaginação. As histórias contadas fazem com que o livro passe a ter vida, fortaleça a palavra e desperte o desejo de reencontrar o texto, seja oral ou escrito.

A segunda questão buscou informações referentes ao primeiro contato com a contação de histórias: “Quando aconteceu seu primeiro contato com a contação de histórias?”. As respostas obtidas foram variadas, conforme os depoimentos transcritos a seguir:

De pequeño en casa. Como espectáculo no tengo un recuerdo claro, que fue más bien de mayor. (A)

Com meus pais. A mãe me contava histórias de Pedro Malazartes, o pai contava-me contos de fada em língua alemã até altas horas da noite. Ouvia meus avós contarem histórias lidas e vividas. Do meu avô materno, ouvia as histórias vividas como soldado na 1ª Guerra Mundial; do meu avô paterno, as histórias que recontava a partir das leituras do Lesebuch (Livro de Leitura), do Ignatiuskalender (Calendário Inaciano) e do St. Paulus-Blat (Revista São Paulo, que era uma edição mensal destinada aos católicos falantes da língua alemã do RS.) (B).

Mi primer contacto con la narración fue en 1992, en la ciudad de Guadalajara, España, allí narre por primera vez y descubrí un mundo que bullía dentro de mí y no se había atrevido a salir (D).

Nesta abordagem, dois dos sujeitos revelam que o primeiro contato com a contação de histórias foi enquanto crianças ouvintes, tendo como mediadores seus pais ou avós. Em outra interpretação, um dos sujeitos revela sobre sua primeira atuação, a qual lhe gerou o desejo de continuar narrando aquilo que descobriu dentro de si mesmo.

A terceira pergunta buscava lembrar as histórias e quem eram seus contadores: “Você lembra as histórias que lhe eram contadas? Quem as narrava?” A maior parte dos sujeitos declarou, nas suas respostas, que lembram até hoje das histórias ouvidas e de seus narradores e, também, o quanto elas continuam latentes em suas mentes e corações:

Algunas las recuerdo. Muchos libros de Rodari y otros autores. Mi madre era la que las leía (A).

Sim, tanto que muitas delas conto ainda hoje. Lembro de *Chapeuzinho Vermelho*, *Os Três Porquinhos*, *O Patinho Feio*, *Soldadinhos de Chumbo*, e principalmente, *João e Maria* e *Branca de Neve e os Sete Anões*. Quem as contava era meu pai. Lembro que minha mãe cantarola canções de ninar enquanto dançava comigo no seus braços (B).

Esas historias están dentro de mí desde pequeño y algunas las he narrado, e, incluso, publicado escrita. Una es una historia de princesas y tontos, Nada, no nada y ayayay. Otras historias eran relatos de vida, de aventuras en la guerra de España, de viajeros. Me las narra mi madre y algunas vecinas (C).

À questão “Há alguma lembrança da época de escola sobre a contação de histórias? Seus professores contavam histórias? Como eram contadas?” A maioria dos sujeitos declarou não se lembrarem dos professores exercendo o papel de narradores de histórias ou quando o faziam, era um ato sem vida.

Oralmente, sem interpretação... somente leitura branca e com o livro para mostrar as imagens... quando os mesmos o tinham (C).

En la escuela no recuerdo la narración como recurso (D).

Apenas um dos sujeitos informa que sua experiência com a contação de histórias na escola foi positiva.

Tive a sorte de ter excelentes professores no Ensino Fundamental, os quais contavam histórias em sala de aula e promoviam a leitura semanal de livros, sempre nos 15 minutos finais, caso nos comportássemos bem. Havia também uma emissora de rádio que reservava uma hora semanal, aos sábados, para transmitir histórias infantis gravadas em estúdios do Rio e de São Paulo. Pessoalmente eu não perdia um programa. Na escola, a maioria das histórias eram lidas pelo (a) professor(a), geralmente um capítulo por dia, na sala de aula. Como era aluno interno, durante as refeições, ouvíamos histórias lidas todos os dias (B).

Na quinta questão “Como você vê o papel dos pais, professores e cuidadores com relação ao ato de contar histórias?”, os sujeitos foram unânimes em afirmar que é de suma importância a atuação destes mediadores na formação dos novos leitores:

Creo que es esencial que se cuenten historias, pero sobretudo en el ámbito del hogar. Los padres tienen una enorme responsabilidad (A).

O papel deles é fundamental, pois promovem a fantasia e os múltiplos saberes sobre a relação dos homens entre si. Pena que são raros os pais, professores e mediadores de leitura através do ato de contar histórias! Walter Benjamim já constatou que os narradores estão em extinção com o advento das novas tecnologias. Porém, nos tempos atuais, como Fênix, os contadores de histórias estão ressuscitando das cinzas (B).

Fundamental, pois as crianças se espelham tomam o gosto a partir dos estímulos dos mais velhos, e quando são incentivadas a fazerem o mesmo (C).

Los padres son el primer y más imprescindible contacto con la palabra literaria. Es muy importante que las primeras historias se relaten en la familia. Los profesores deben narrar para animar a los alumnos a leer y a disfrutar de los textos (D).

As narrações de histórias contribuem para o desenvolvimento da criança e é por meio delas que acontece o incentivo à leitura. As palavras de Rösing & Tussi declaram que “a promoção da leitura na infância inicial se faz pela voz e pelas mãos dos pais e cuidadores, uma vez que a literatura não chega sozinha à criança” (2009, p. 47).

Ao serem questionados sobre “Como desencadeou o processo de contar histórias?”, pode-se extrair das respostas dos sujeitos o mesmo desejo: narrar para viver, para sensibilizar o leitor e levá-lo a aproximar-se dos livros e ligá-lo às leituras de diferentes gêneros.

Siempre me gustó hacer teatro y estudié clown y mímica. Así un día una contadora de historias me propuso hacer un espectáculo de cuentos y mímica y me encontré otra vez leyendo mis cuentos de la infancia y adaptando historias a mis saberes de teatro gestual (A).

Sou sabedor de que histórias narradas oralmente são a ante-sala para a formação do gosto pela leitura, pois sensibilizam o sujeito a se aproximar dos livros, onde as histórias, poemas e textos múltiplos estão registrados. Portanto, o ato de contar histórias constitui excelente ferramenta (recurso, ponte, forma de mediação) a ligar o leitor às leituras de diferentes gêneros (B).

Desencadeou da necessidade de montar algo diferente na área do teatro, e pelo fato de não ter nenhum ator que tivesse explorado esse campo aqui em Passo Fundo (C).

Narrar es transmitir. Es crear un universo en el que navegan juntos narrador y público (D).

A narração desencadeia-se na vida dos sujeitos como uma necessidade de partilhar suas leituras, como afirma Prieto que “todo contador ao contar uma história, resgata o próprio destino, descobre a que sonho pertence e encontra caminhos para a própria vida” (1999, p. 9).

Nas respostas dadas à pergunta “Quando você conta uma história para o público, que mais lhe fascina? Por quê?” percebe-se a unidade entre os entrevistados em afirmarem:

Me fascina que tras reír, participar y hacer ruido queden en silencio cuando este es requerido. Sentir que están escuchando y que nada les distrae (A).

O que mais fascina é de ter a possibilidade de transmitir as histórias e saber que quando as crianças chegarem em casa irão contar aos pais e às pessoas que lhe são queridas (B).

O brilho nos olhos, o distanciamento com o mundo real, o pedido de “conta mais uma história, ou declama mais um poema” e a vontade de conhecer os livros que contêm as histórias, ou os poemas. Creio que é o efeito da magia suscitada pelas palavras, gestos, onomatopéias, significações... (C).

Lo que más me fascina es sentir que soy capaz de crear una imagen y verla reflejada en la expresión de quien me escucha. Creo que el narrador escribe en el momento que narra y su relato muera en cada espectador, lo recrea quien lo escucha, lo regala para que otro lo construya en su interior. Eso es mágico si lo ves reflejado en el rostro de quien escucha (D).

Quando o contador cria vínculo com o público ouvinte, a comunicação flui, pois há envolvimento de ambas as partes. Oliveira, sobre isto, sugere que quando o narrador ou contador “estabelece uma relação de proximidade com o leitor, através da estrutura das narrativas, das evocações arquetípicas e uma voz que reconta, recuperando a tradição oral de trocar experiências através do contar, cumpre-se um ritual de encantamento” (2003, p. 61).

No oitavo questionamento “Há momentos de frustração no exercer a profissão? Relate.” Posicionando-se, apenas o “Contador C” relatou não ter nenhuma forma de frustração ao exercer sua performance, porém os demais declararam que há momentos quando não acontece a interação entre contador e público ouvinte.

O “Contador A” acredita não ter sucesso em seu projeto de comunicação quando não há silêncio por parte dos ouvintes: “Cansa y frustra no saber hacerles escuchar.” Neste mesmo sentido, o “Contador D” relata que ao exercer sua profissão sente-se frustrado “Cuando relatar es una necesidad, siempre es negativo no encontrar un oído que desee escuchar y compartir”.

No ponto de vista do “Contador B” isso ocorre “quando professores, bibliotecários e agentes culturais, julgam ser a contação de histórias um espetáculo em si, ou uma teatralização, desvinculando a arte de contar histórias da mediação de leituras múltiplas.”

Analisando-se a relação dos sujeitos envolvidos no ato de contar e ouvir histórias de acordo com o que teoriza Charaudeau (2008), o ato de comunicar constitui-se numa aventura que envolve riscos, ou seja, pode resultar em sucesso ou em fracasso.

Ao serem questionados se “As narrativas orais assumem ou não importância no mundo contemporâneo?”, os sujeitos entrevistados consideram que a comunicação baseada na oralidade subsiste e permite às novas gerações conhecerem as coisas do mundo através da narração de histórias em diversos suportes e declaram:

La oralidad es imprescindible y necesaria en un mundo que necesita urgentemente comunicarse, escucharse. Sentir es vivir (D).

Sim, à medida que promovem pontes, nexos e significações, com o mundo dos textos escritos em múltiplos suportes. Digo isso, pois as narrativas orais podem estar contidas nas modernas tecnologias de informação e entretenimento. Outras versões, com certeza, podem ser encontradas em programas televisivos, radiofônicos em CDs, DVDs, internet e outros (B).

Evidencia-se na fala dos sujeitos que a oralidade é de extrema importância, visto que durante grande parte da história foi a principal ferramenta utilizada para o processo de construção do pensamento e “nas culturas orais primárias, nas quais não existe texto, a narrativa serve para unir o pensamento de modo mais compacto e permanente do que os outros gêneros” (ONG, 1998, p. 159), além de permitir um maior desenvolvimento do ouvinte em relação ao que lhe é narrado.

Outro ponto também observado na fala de um dos sujeitos é a abertura que se dá para a comunicação em outros suportes. Depreende-se disso que mesmo que as narrativas orais não emerjam apenas da palavra oral, elas podem e devem continuar a existir, seja na tela do computador, seja compactadas em um CD ou DVD. Sobre isto, Busatto afirma que “é a palavra vestindo a roupa de seu tempo” (2006, p. 91). Evidencia-se, pois, que as narrativas orais podem estar contidas nas modernas tecnologias de informação e continuar fazendo com que o ouvinte aprenda a escutar, sentir e viver.

Ao serem interpelados com a pergunta “Como é ser um contador de histórias frente a tanta tecnologia?”, constatou-se que ora os sujeitos acreditam ser possível conviver amigavelmente com as novas tecnologias, ora buscam resguardarem-se. Isto se justifica pelo fato de temerem que a arte de contar histórias perca a sua essência e a força que ela carrega, como pode-se observar na transcrição das falas dos sujeitos:

Debe ser original, muy profesional, debe saber demostrar que cuerpo y voz del hombre son insuperables. Bien hecho cualquier contador pasa por encima de cualquier tecnología (A).

Ser prudente e ousado ao mesmo tempo, acreditando que nenhuma tecnologia substituirá totalmente a candura da voz, o olhar transfigurado e o jeito meigo do contador de histórias, pois ele domina a arte de presentificar a polifonia das vozes contidas no texto escrito (B).

É ter a oportunidade de ainda cativar as crianças e os adultos com algo diferente, inusitado, pois quando o teatro é introduzido na contação, os elementos de cena a interpretação e até mesmo os recursos tecnológicos como iluminação e sonoplastia encantam (C).

Son dos maneras de comunicar diferentes. Sin ellas, las tecnologías, el mundo actual sería muy difícil de vivir. No se excluyen (D).

As histórias contadas devem ser propagadas seja onde for, seja através da voz do contador, em qualquer suporte, como postula Busatto (2006).

A décima primeira questão do instrumento de pesquisa buscou coletar informações sobre “Como a contação de histórias pode servir de motivação para a prática prazerosa da leitura?”. Nas respostas os sujeitos declararam que a contação de histórias pode servir de motivação para a leitura pela forma como o ouvinte é sensibilizado e apresentado ao universo dos textos literários, de como as histórias são interpretadas ou contadas oralmente. Verificasse, também, a importância que é atribuída à oralidade, conforme o relato:

Haciendo que el escuchar historias y conocer la ficción sea un aliciente para leer (A).

Acreditando que o passo primeiro à formação do leitor infantil, mirim, juvenil e/ou adulto é sensibilizá-lo, ludicamente, através das histórias narradas oralmente, aproximando-o, paulatinamente, ao universo dos textos literários, com vistas à formação de leitores em potencial (B).

Através da forma de como é contada... no meu caso... interpretação (C).

Se aprende a leer oyendo. Las palabras que se oyen configuran un mundo interior que es el camino hacia la lectura (D).

Mellon acredita que “as crianças estimuladas pelas histórias que ouvem dos mais velhos geralmente criam histórias maravilhosas e profundas desde muito pequenas.” (2006, p. 241). Esta ideia vem solidificar a importância da literatura oral e da narração de textos como um recurso na formação de leitores, pois as histórias despertam a imaginação e a criatividade em quem as ouve.

A décima segunda questão abordou o papel do contador na formação de leitores: “Qual a importância da atuação dos contadores de histórias na formação de leitores?” Um dos sujeitos declarou que a formação de leitores deveria começar com a contação de histórias por parte dos pais, porém, a maioria dos sujeitos declarou que a atuação dos contadores, seja em nível de família e da escola, seja na sociedade é importante e promovem o prazer pelo ato de ler, pois propiciam o contato direto com os ouvintes.

De acordo com um dos sujeitos, os contadores são transmissores de histórias que colocam o ouvinte em contato com a emoção, com os sentimentos que desencadeiam dos textos. Segue um dos relatos:

Somos transmissores. Ponemos en contacto con la emoción, con los sentimientos, que desencadenan los textos. Así que creo que somos el nexo imprescindible para acercar a los primeros lectores, de la edad que sean, a la literatura (D).

Busatto acredita que os contadores são elementos fundamentais no processo de formação dos leitores. Segundo a autora, “o contar histórias é uma atitude multidimensional em que o contador atinge não apenas o plano prático, mas também o nível do pensamento, e, sobretudo, as dimensões do mítico-simbólico e do mistério.” (2003, p. 45). Os contadores são transmissores de vida, de cultura e de estímulo ao imaginário.

O décimo terceiro questionamento buscou saber: “Qual deve ser o perfil do contador de histórias numa sociedade predominantemente não leitora e que não tem o hábito de ouvir?” Em resposta, os sujeitos afirmaram que o contador tem de ser um leitor, um pesquisador e conhecedor da tradição oral literária e dos recursos que ela oferece. Deve também ter uma preparação vocal e corporal que ajude a comunicar-se com os demais. Um dos sujeitos escreve:

Sobretudo ser exemplo de leitor de textos múltiplos e ter amor (profissional e sentimental) a quem se conta. Há também que ser ousado à medida que concorre com as novas tecnologias de informação e entretenimento, apropriando-se também delas para construir elos entre leitores e textos. Por fim, acreditar que os não leitores e os que não têm o hábito de ouvir, magicamente, pela escuta encantadora, podem adquirir o gosto pela leitura (B).

O contador de histórias deve ser aquele indivíduo que incorpore as ideias defendidas por Jauss (1944) e Iser (2002), ou seja, devem se preocupar com a figura do leitor-ouvinte, usando adequadamente os recursos internos e externos, a fim de que atenda e amplie o horizonte de expectativas dos mesmos e leve-os a descobrir um mundo até então não desbravado.

Em relação à pergunta “Onde e como se deve contar uma história?”, um dos sujeitos respondeu que a contação pode ser realizada em qualquer lugar. Outro acrescentou que deve ser em um lugar em que não haja interferências exteriores e onde se possa criar uma atmosfera que a história necessite. Um terceiro sujeito corrobora dizendo que ela deve usar os recursos da voz, dos gestos e dos olhares dos ouvintes, seja no ambiente familiar e escolar,

seja no social. E, por fim, outro afirma que deve ser um local intimista, com no máximo oitenta pessoas, em um espaço restrito.

As repostas mostram que cada contador tem suas particularidades sobre onde contar. Acredita-se que “as histórias sempre vão depender da voz de um narrador, e que o espaço onde as histórias vão acontecer será sempre aquele que estiver disposto a recebê-las” (BUSATTO, 2006, p. 119).

A última pergunta “Defina o que é contação de histórias para você.” Apenas um dos sujeitos não deixou clara a sua concepção sobre contação de histórias, limitando-se a relatar as origens e os benefícios da mesma.

Nos demais depoimentos predominam a ideia de que contar histórias é uma experiência de interação entre a pessoa que conta e a que ouve, constituindo-se numa experiência de relacionamento humano que tem uma qualidade insubstituível.

Para corroborar com as respostas dadas pelos sujeitos, cita-se a opinião de Busatto sobre por que contar histórias. A contadora e pesquisadora afirma que “conta histórias para formar leitores, para fazer a diversidade cultural um fato, manter a História viva, para encantar e sensibilizar o ouvinte, para estimular o imaginário [...] e reativar o sagrado.” (2003, p. 45-46).

Uma forma mínima de teatro. La forma más milenaria de transmitir historias (A).

É arte da palavra oral capaz de encantar ouvintes presenciais, não importando a faixa etária e nem o nível cultural, posto que, para cada tipo de público, existe a história certa. Ante-sala da leitura, a arte de contar história constitui uma arte de estimular a fantasia e o conhecimento que se revela na palavra falada, cujas histórias estão guardadas, tradicionalmente, nos livros. Ouvindo histórias, crianças, jovens e adultos desenvolvem a fantasia e aprendem a lidar com a realidade de forma lúdica. O segredo da contação de histórias está no rompimento e/ou no atendimento das expectativas (dos ouvintes, leitores), como ensina Jauss (B).

Es simplemente mi manera de transmitir La literatura que está dentro de mí, es mi forma de expresarme y de llegar a los demás (D).

Nas declarações transcritas os sujeitos expressam, a seu modo, que a arte de contar histórias é a arte que trabalha com a oralidade, que mexe com a fantasia e com o imaginário de quem se deixa seduzir pelas histórias narradas pelo contador. Transparece, também, que essa forma milenar de contar histórias viajou pelo tempo e permanece carregada pelas palavras, magia e poeticidade, revelando um mundo de onde emerge o conhecimento da alma e do sentir.

A pesquisa realizada revela que três dos sujeitos que responderam à entrevista tiveram contato com a contação de histórias na infância. As falas mostram que as narrativas aconteciam no seio familiar e também eram contempladas na escola. Os mediadores das histórias eram pais, vizinhos, professores e bibliotecários.

Percebe-se que, a partir desta convivência desde cedo com as histórias orais, os sujeitos revelam-se leitores em potencial. O contador não deve ser só um ouvidor de histórias, mas ser também um leitor em múltiplos suportes, como ilustra o depoimento do “Contador B” ao relatar sua história pessoal de leitor:

Em primeiro lugar é importante dizer que esse contador de histórias é, ao mesmo tempo, um ouvidor de histórias narradas presencialmente e leitor de textos em múltiplos suportes. Não há como dissociar a audição de histórias e o ato de ler da arte de contar histórias. Quer dizer, a sobrevida do contador de histórias depende diretamente da ação de ouvir histórias e da leitura dos textos literários, especialmente dos clássicos (B).

Quanto à inserção das contações de histórias em meio eletrônico, observou-se certa cautela por parte dos sujeitos ao afirmarem que não se pode excluí-las do cotidiano e que se faz necessário formar leitores que circulem por espaços múltiplos de leitura. Apesar disso, deixam claro que se deve ter cuidado para que permaneça o que é essencial à contação que é a condição de encantar, de significar o mundo por meio da voz e dos gestos do contador.

Relembrando-se o que postula Charaudeau (2008), acredita-se que a contação de histórias tem um projeto de comunicação alicerçado na oralidade, onde o eu-comunicante e o tu-interpretante estabelecem um contrato entre si e interagem, apesar da multiplicidade de ferramentas disponíveis para a concretização e sucesso do projeto.

Com base nas respostas dadas pelos sujeitos da pesquisa, acredita-se que a arte de contar histórias irá continuar encantando e gerando prazer em seus leitores/ouvintes e que o contador, “homem que sabe dar conselhos” (BENJAMIN, 1994, p. 200), tem uma tarefa fundamental neste contexto que é continuar “tecendo a rede em que está guardado o dom narrativo” (BENJAMIN, 1994, p. 205) visando à formação de novos leitores.

A arte de contar histórias representa uma maneira de viver e de ser que tem sua existência enraizada socialmente na vida da humanidade e os contadores são as pessoas que têm, na voz e na memória, um potencial capaz de redirecionar essa prática milenar, integrando-a às novas tecnologias e contribuindo para que novos leitores sejam formados, com habilidades para lerem em diversos suportes.

Acredita-se que as ideias apresentadas pelos teóricos que embasaram esta análise e as respostas dadas pelos sujeitos da pesquisa podem contribuir para a ampliação da contação de histórias frente a uma sociedade regida pela comunicação midiática. A contação de histórias, mediada pelo contato humano da voz, é fruto essencial da experiência humana que perpassou gerações e gerações, porque contém algo de verdade e ajuda no desenvolvimento da humanidade e na difusão de novos conhecimentos e leituras.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A chama que impulsionava os contadores a sentarem ao redor de uma fogueira e com as palavras mágicas “Era uma vez” iniciarem um relato que despertava a imaginação de quem os ouvia, continua ainda hoje. Da oralidade à escrita, as histórias viajaram e permanecem carregadas pelas palavras, magia e poeticidade, revelando um mundo de onde emergem o conhecimento e o sentir e ganham nova dimensão.

Atualmente, a oralidade, que predominou por muito tempo, divide espaço com as novas formas digitais de comunicação e o contar ou ler histórias continua sendo uma prática salutar que desabrocha no gosto pela literatura.

Como mediadores, destaca-se a presença dos contadores de histórias, profissionais ou não, que diante das grandes questões apresentadas, dedicam tempo para contar histórias, aproximar as pessoas do livro e promover o gosto pela leitura. Do contador tradicional passa-se para o profissional e a arte de narrar histórias começa a tomar corpo, sendo definida como profissão.

Constata-se que o surgimento de novas redes de comunicação ampliou os modos diferenciados de acesso aos textos e dos procedimentos de leitura. Com isso, a literatura pode ser lida e compreendida em diferentes olhares por diferentes leitores.

Acredita-se, que a atividade de contar histórias representa um importantíssimo recurso de formação do leitor para toda a vida. Por isso, ao lançar-se nesta pesquisa, cujo título é *A arte de contar histórias e a formação de novos leitores em múltiplos suportes*, a proponente teve o intuito primordial de investigar a contação de histórias, como prática formadora de leitores, em relação aos demais suportes e linguagens, dos tradicionais aos digitais, esboçando também um perfil dos contadores da atualidade.

Ao longo da pesquisa procurou-se embasar teoricamente o ato de contar histórias; buscou-se também identificar ações desenvolvidas por contadores de histórias para ajudar a disseminar a leitura; inferir acerca da importância ou não das contações na formação do público ouvinte e leitor e verificar como se dá a inserção das narrações orais em meio digital.

Fez-se ampla pesquisa bibliográfica em livros buscando suporte teórico para fundamentar o estudo. Também, participou-se de várias oficinas de contação de histórias, seminários e navegou-se, em meio digital, em busca de experiências que relatassem a performance dos contadores neste suporte.

Percebeu-se que a inserção das contações em outros espaços no mundo contemporâneo fez com que se mudasse a forma, o contexto das histórias e a intenção de contar, porém o essencial permanece que é a condição de encantar por meio da palavra, o que vem reafirmar as palavras de Walter Benjamin, que postula que a narração difere dos textos de informação porque “conserva coesa a sua força e é capaz de desdobramentos mesmo depois de passado muito tempo” (1994, p. 62).

Encontraram-se exemplos de que a contação de histórias, de fato, é uma arte que pode ser aliada a outros suportes e ser utilizada na promoção de leitores, conforme apontam os resultados obtidos nas entrevistas. Corroboram com esta afirmação os escritos de Busatto, para a qual “seja onde for que as histórias soem, seja através de qualquer voz, de qualquer suporte, seja qual for a formação do contador, elas chegam pra ficar” (2006, p. 128).

Ong (1998), pontua que por conta do surgimento da escrita e as sua consequente leitura a oralidade não deixou de se fazer presente, ainda que essa passagem indique outra dinâmica no relacionamento entre receptor e emissor. Em vista disso, acredita-se que, assim como o texto escrito não superou a oralidade, os novos suportes tecnológicos certamente não excluirão o velho hábito de contar histórias, seja oralmente seja em meio digital. Apenas são instâncias diferentes em que a mediação da voz poética do contador continuará contribuindo para a construção de sentidos e conduzindo o leitor ouvinte para o mundo do encantamento literário.

Aliando-se a proposta de Patrick Charaudeau (2008), e aos pensamentos de Jauss (1994) e Iser (2002), encontra-se suporte para afirmar que não há dúvidas de que a contação de histórias vai permanecer e que a magia das palavras se espalharão por todos os cantos, mediadas ou pela presença física do contador ou pelos novos meios eletrônicos de comunicação.

Comunicar-se, como afirma Charaudeau, “é pôr em cena um projeto de comunicação” (2008, p. 635), em que se assume diferentes posturas frente a um ato comunicativo, a fim de que o contrato estabelecido tenha sucesso, rompa com as estruturas estabelecidas e adquira um caráter emancipatório, onde o leitor/ouvinte (tu-interpretante) e o contador (eu-comunicante) tornam-se cúmplices dos fatos narrados.

É visível que a arte de contar histórias e seus contadores continuarão a ter lugar no mundo contemporâneo, porém torna-se necessário estabelecer um projeto e um contrato de comunicação que levem em consideração os pressupostos de Charaudeau (2008) e atenda às expectativas de seus leitores-ouvintes como sugerem Jauss (1994) e Iser (2002). Acredita-se que o contador é o mediador que pode conciliar os contrastes existentes entre a oralidade e a

cultura escrita, bem como os atos da fala e da recepção, como propõe Ong (1994), a fim de que os leitores-ouvintes possam construir novos processos de pensamento e de relações, utilizando múltiplos suportes e linguagens (Lévy, 1993). Ao relembra-se os ensinamentos de Benjamim (1994), reafirma-se que a figura do contador e o ato de contar histórias sempre foi e sempre importante.

Assim, as histórias serão sempre bem-vindas, seja onde for que soem e os contadores encontrarão espaço para transmitir essa arte milenar que se encontra dentro de seu ser. É de inestimável valor a importância das histórias, pois uma vida se faz de histórias- a que se vive, a que se conta ou a que ouvimos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas, v. 1).

BRASIL. Ministério da Educação; Ministério da Cultura. *Plano Nacional do Livro e da Leitura*. Brasília: MEC, MinC, 2007. Disponível em: <[http:// www.pnll.gov.br](http://www.pnll.gov.br)> Acesso em 16 set, 2010.

BUSATTO, Cléo. *Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa*. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

\_\_\_\_\_. *A arte de contar histórias no século XXI: Tradição e ciberespaço*. Petrópolis: Vozes, 2006.

CATALÃO, Marco. *Os mais belos mitos afro-brasileiros*. Adônis. 2010.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU. *Dicionário de Análise do Discurso*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2008.

ISER, Wolfgang. O Jogo do texto. In: LIMA, Luiz Costa (org.). *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo: Ática, 1994.

LÉVY, Pierre. Trad. de Carlos Irineu da Costa. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. 34.ed. Rio de Janeiro: 1993.

\_\_\_\_\_. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

\_\_\_\_\_. Palestra SESC/SP. Disponível em <[http://www.crmariocovas.sp.gov.br/esp\\_a.php?t=001](http://www.crmariocovas.sp.gov.br/esp_a.php?t=001)> Acesso em: 02 fev. 2011.

MACHADO, Arlindo. *Pré-cinemas & pós-cinemas*. 2.ed. São Paulo: Papyrus, 2002.

MACHADO, Regina. *Acordais: fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias*. São Paulo: DCL, 2004.

MAIA, Joseane. *Literatura na formação de leitores e professores*. São Paulo: Paulinas, 2007.

MATOS, Gislanine; SORSY, Inno. *O ofício do contador de histórias: perguntas e respostas, exercícios práticos e um repertório para encantar*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

MELLON, Nancy. *A arte de contar histórias*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

NARRADORES DE JAVÉ. Direção de Eliane Caffé. Vídeos Produções Artísticas LTDA. Brasil: 2004. São Paulo: Lumière, 2004. DVD. (102 min.), colorido.

OLIVEIRA, Ieda de. *O contrato de comunicação da Literatura Infantil e Juvenil*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2003.

ONG, Walter. Trad. Enid Abreu Dobránszky. *Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra*. São Paulo: Papirus, 1998.

PRIETO, Heloisa. *Quer ouvir uma história?* São Paulo: Editora Angra, 1999.

RETTENMAIER, Miguel; FANFA, Deisi. *Boa leitura: a literatura na televisão*. In: RÖSING, Tânia M. K. (org.) *Leitura dos espaços e espaços de leitura*. Passo Fundo: Editora Universidade de Passo Fundo, 2009.

RÖSING, Tânia M. K; TUSSI, Rita de Cássia. *Programa Bebelendo: uma intervenção precoce de leitura*. 1.ed. São Paulo: Global, 2009.

SANTOS, Roberto Elísio dos. *As teorias da comunicação: da fala à internet*. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 2008.

SISTO, Celso. *Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias*. 2.ed. Curitiba: Positivo, 2005.

\_\_\_\_\_. Disponível em: <<http://www.celsosisto.com/ensaios>> Acesso em: 15 nov. 2010.

WESCHENFELDER, Eládio Vilmar. *Contar histórias: vozes contagiantes da narrativa presencial*. In: RETTENMAIER, Miguel; RÖSING, Tânia. *Questões de leitura no hipertexto*. Passo Fundo: UPF, 2005.

**ANEXO 1 – Formulário de Entrevista**

**UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO**  
**INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS - MESTRADO**  
**ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: FORMAÇÃO DO LEITOR**

**FORMULÁRIO DE ENTREVISTA**

1. Relate a história pessoal desse leitor que, agora é um contador de histórias?
2. Quando aconteceu seu primeiro contato com a contação de histórias?
3. Você lembra-se das histórias que lhe eram contadas? Quem as narrava?
4. Há alguma lembrança da época de escola sobre a contação de histórias? Seus professores contavam histórias? Como eram contadas?
5. Como você vê o papel dos pais, professores e cuidadores com relação ao ato de contar histórias?
6. Como desencadeou o processo de contar histórias?
7. Quando você conta uma história para o público, que mais lhe fascina? Por quê?
8. Há momentos de frustração no exercer a profissão? Relate.
9. As narrativas orais assumem ou não importância no mundo contemporâneo?
10. Como é ser um contador de histórias frente a tanta tecnologia?
11. Como a contação de histórias pode servir de motivação para a prática prazerosa da leitura?
12. Qual a importância da atuação dos contadores de histórias na formação de leitores?
13. Qual deve ser o perfil do contador de histórias numa sociedade predominantemente não leitora e que não tem o hábito de ouvir?
14. Onde e como se deve contar uma história?
15. Defina o que é contação de histórias para você.

**ANEXO 2 – Formulário de Entrevista/Contador A**

**UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS - MESTRADO  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: FORMAÇÃO DO LEITOR**

**FORMULÁRIO DE ENTREVISTA**

**CONTADOR A**

**1. Relate a história pessoal desse leitor que, agora é um contador de histórias.**

Desde que tengo memoria mi madre me leía cuentos. Me leía historias de pequeño en la cama, y luego más mayor cuando viajábamos me leía novelas (como la Historia Interminable de Michel Ende). Ya de pequeño yo me inventaba historias. Así me hice un lector compulsivo, aficionado a las novelas y a los cuentos modernos (Cortazar y otros maestros). Siempre me gustó hacer teatro y estudié clown y mímica. Así un día una contadora de historias me propuso hacer un espectáculo de cuentos y mímica y me encontré otra vez leyendo mis cuentos de la infancia y adaptando historias a mis saberes de teatro gestual.

**2. Quando aconteceu seu primeiro contato com a contação de histórias?**

De pequeño en casa. Como espectáculo no tengo un recuerdo claro, que fue más bien de mayor.

**3. Você lembra das histórias que lhe eram contadas? Quem as narrava?**

Algunas las recuerdo. Muchos libros de Rodari y otros autores. Mi madre era la que las leía.

**4. Há alguma lembrança da época de escola sobre a contação de histórias? Seus professores contavam histórias? Como eram contadas?**

No recuerdo.

**5. Como você vê o papel dos pais, professores e cuidadores com relação ao ato de contar histórias?**

Creo que es esencial que se cuenten historias, pero sobretudo em el ámbito del hogar. Los pais tienen una enorme responsabilidad.

**6. Como desencadeou o processo de contar histórias?**

Respuesta en la pregunta 1.

**7. Quando você conta uma história para o público, que mais lhe fascina? Por quê?**

Me fascina que tras reír, participar y hacer ruido queden en silencio cuando este es requerido. Sentir que están escuchando y que nada les distrae.

**8. Há momentos de frustração no exercer a profissão? Relate.**

Si. Cuando un grupo de crianzas es difícil de manejar, hacen ruido y no te respetan. Cansa y frustra no saber hacerles escuchar.

**9. As narrativas orais assumem ou não importância no mundo contemporâneo?**

Deberían ser importantes, pero su público es minoritario. En los colegios creo que son más importantes que para el adulto. Digo que son, no que daban ser!!

**10. Como é ser um contador de histórias frente a tanta tecnologia?**

Debe ser original, muy profesional, debe saber demostrar que cuerpo y voz del hombre son insuperables. Bien hecho cualquier contador pasa por encima de cualquier tecnología

**11. Como a contação de histórias pode servir de motivação para a prática prazerosa da leitura?**

Haciendo que el escuchar historias y conocer la ficción sea un aliciente para leer.

**12. Qual a importância da atuação dos contadores de histórias na formação de leitores?**

Creo que es más importante aún la contazaio por parte de los padres.

**13. Qual deve ser o perfil do contador de histórias numa sociedade predominantemente não leitora e que não tem o hábito de ouvir?**

Un perfil atractivo, culto, lector, divertido, que muestre la lectura y las historias como algo atractivo, divertido y no antiguo.

**14. Onde e como se deve contar uma história?**

Onde... en cualquier sitio. Como... bien. Es una pregunta demasiado amplia.

**15. Defina o que é contação de histórias para você.**

Una forma mínima de teatro. La forma más milenaria de transmitir historias.

**ANEXO 3 – Formulário de Entrevista/Contador B**

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS - MESTRADO  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: FORMAÇÃO DO LEITOR

**FORMULÁRIO DE ENTREVISTA**

**CONTADOR B**

**1. Relate a história pessoal desse leitor que, agora é um contador de histórias?**

Em primeiro lugar é importante dizer que esse contador de histórias é, ao mesmo tempo, um ouvidor de histórias narradas presencialmente e leitor de textos em múltiplos suportes. Não há como dissociar a audição de histórias e o ato de ler da arte de contar histórias. Quer dizer, a sobrevida do contador de histórias depende diretamente da ação de ouvir histórias e da leitura dos textos literários, especialmente dos clássicos.

Sempre tive fascínio pelas histórias, tanto as narradas oralmente quanto as contidas escritas. Largava tudo para ouvir as histórias, não importando quanto tempo durassem, assim como para ler contos, crônicas, romances, poemas, não ficando satisfeito até não lê-las e recontá-las, a quem quer que tivesse a paciência, inúmeras vezes, até saciar-me por inteiro. Caso ouvisse um comentário positivo sobre um livro, fazia tudo para adquiri-lo e guardá-lo para novas leituras.

**2. Quando aconteceu seu primeiro contato com a contação de histórias?**

Com meus pais. A mãe me contava histórias de Pedro de Mazazartes; o pai contava-me contos de fada em língua alemã até altas horas da noite.

Ouvia meus avós contarem histórias lidas e vividas. Do meu avô materno, ouvia as histórias vividas como soldado na 1ª Guerra Mundial; do meu avó paterno, as histórias que recontava a partir das leituras do *Lesebuch* (Livro de Leitura), do *Ignatiuskalender* (Calendário Inaciano) e do *St. Paulus-Blat* (Revista São Paulo, que era uma edição mensal destinada aos católicos falantes da língua alemã do RS.).

**3. Você lembra das histórias que lhe eram contadas? Quem as narrava?**

Sim, tanto que muitas delas conto ainda hoje. Lembro de *Chapeuzinho Vermelho*, *Os Três Porquinhos*, *O Patinho Feio*, *Soldadinhos de Chumbo*, e principalmente, *João e Maria* e

*Branca de Neve e os Sete Anões.* Quem as contava era meu pai. Lembro que minha mãe cantarola canções de ninar enquanto dançava comigo no seus braços.

#### **4. Há alguma lembrança da época de escola sobre a contação de histórias? Seus professores contavam histórias? Como eram contadas?**

Tive a sorte de ter excelentes professores no Ensino Fundamental, os quais contavam histórias em sala de aula e promoviam a leitura semanal de livros, sempre nos 15 minutos finais, caso nos comportássemos bem. Havia também uma emissora de rádio que reservava uma hora semanal, aos sábados, para transmitir histórias infantis gravadas em estúdios do Rio e de São Paulo. Pessoalmente eu não perdia um programa. Na escola, a maioria das histórias eram lidas pelo(a) professor(a), geralmente um capítulo por dia, na sala de aula. Como era aluno interno, durante as refeições, ouvíamos histórias lidas todos os dias.

#### **5. Como você vê o papel dos pais, professores e cuidadores com relação ao ato de contar histórias?**

O papel deles é fundamental, pois promovem a fantasia e os múltiplos saberes sobre a relação dos homens entre si. Pena que são raros os pais, professores e mediadores de leitura através do ato de contar histórias! Walter Benjamin já constatou que os narradores estão em extinção com o advento das novas tecnologias. Porém, nos tempos atuais, como Fênix, os contadores de histórias estão ressuscitando das cinzas.

#### **6. Como desencadeou o processo de contar histórias?**

Ao constatar que o público, as crianças e os jovens, principalmente, imensamente de ouvir histórias e poemas, mas sempre que sejam adequados ao ambiente, ao nível cultural e faixa etária. Sou sabedor de que histórias narradas oralmente são a ante-sala para a formação do gosto pela leitura, pois sensibilizam o sujeito a se aproximar dos livros, onde as histórias, poemas e textos múltiplos estão registrados. Portanto, o ato de contar histórias constitui excelente ferramenta (recurso, ponte, forma de mediação) a ligar o leitor às leituras de diferentes gêneros.

#### **7. Quando você conta uma história para o público, que mais lhe fascina? Por quê?**

O brilho nos olhos, o distanciamento com o mundo real, o pedido de “conta mais uma história, ou declama mais um poema” e a vontade de conhecer os livros que contêm as

histórias, ou os poemas. Creio que é o efeito da magia suscitada pelas palavras, gestos, onomatopéias, significações...

**8. Há momentos de frustração no exercer a profissão? Relate.**

Às vezes sim, especialmente dos professores, bibliotecários e agentes culturais, quando julgam ser a contação de histórias um espetáculo em si, ou uma teatralização, desvinculando a arte de contar histórias da mediação de leituras múltiplas.

**9. As narrativas orais assumem ou não importância no mundo contemporâneo?**

Sim, à medida que promovem pontes, nexos e significações, com o mundo dos textos escritos em múltiplos suportes. Digo isso, pois as narrativas orais podem estar contidas nas modernas tecnologias de informação e entretenimento. Outras versões, com certeza, podem ser encontradas em programas televisivos, radiofônicos em CDs, DVDs, internet e outros.

**10. Como é ser um contador de histórias frente a tanta tecnologia?**

Ser prudente e ousado ao mesmo tempo, acreditando que nenhuma tecnologia substituirá totalmente a candura da voz, o olhar transfigurado e o jeito meigo do contador de histórias, pois ele domina a arte de presentificar a polifonia das vozes contidas no texto escrito.

**11. Como a contação de histórias pode servir de motivação para a prática prazerosa da leitura?**

Acreditando que o passo primeiro à formação do leitor infantil, mirim, juvenil e/ou adulto é sensibilizá-lo, ludicamente, através das histórias narradas oralmente, aproximando-o, paulatinamente, ao universo dos textos literários, com vistas à formação de leitores em potencial.

**12. Qual a importância da atuação dos contadores de histórias na formação de leitores?**

São imprescindíveis à nível de família, escola e sociedade à medida em que promovem o gosto pela leitura.

**13. Qual deve ser o perfil do contador de histórias numa sociedade predominantemente não leitora e que não tem o hábito de ouvir?**

Sobretudo ser exemplo de leitor de textos múltiplos e ter amor (profissional e sentimental) a quem se conta. Há também que ser ousado à medida que concorre com as novas tecnologias de informação e entretenimento, apropriando-se também delas para construir elos entre leitores e textos. Por fim, acreditar que os não leitores e os que não têm o hábito de ouvir, magicamente, pela escuta encantadora, podem adquirir o gosto pela leitura.

**14. Onde e como se deve contar uma história?**

Deve-se contar histórias na instância familiar, escolar e social, evitando fazer cenarização (teatralização), usando, sobremaneira, os recursos da voz, dos gestos e dos olhares nos olhares dos ouvintes.

**15. Defina o que é contação de histórias para você.**

É arte da palavra oral capaz de encantar ouvintes presenciais, não importando a faixa etária e nem o nível cultural, posto que, para cada tipo de público, existe a história certa. Ante-sala da leitura, a arte de contar história constitui uma arte de estimular a fantasia e o conhecimento que se revela na palavra falada, cujas histórias estão guardadas, tradicionalmente, nos livros. Ouvindo histórias, crianças, jovens e adultos desenvolvem a fantasia e aprendem a lidar com a realidade de forma lúdica. O segredo da contação de histórias está no rompimento e/ou no atendimento das expectativas (dos ouvintes, leitores), como ensina Jauss.

**ANEXO 4 – Formulário de Entrevista/Contador C**

**UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS - MESTRADO  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: FORMAÇÃO DO LEITOR**

**FORMULÁRIO DE ENTREVISTA**

**CONTADOR C**

**1. Relate a história pessoal desse leitor que, agora é um contador de histórias?**

Na verdade, minha experiência como contador, é de pouco tempo, desde 2007, quando montei meu primeiro espetáculo infantil, de contação de histórias e manipulação de bonecos onde tive a direção de um profissional contador de histórias e ator de Florianópolis.

Minha formação é de ator, a contação veio como uma forma a mais, um recurso que eu não havia explorado ainda como ator.

Hoje, montei outro espetáculo, que é de contação de histórias também, mas o recurso que utilizo para contar as histórias são máscaras.

**2. Quando aconteceu seu primeiro contato com a contação de histórias?**

Em 2006, quando trouxe o Sidval Batista e seu espetáculo de contação de histórias para apresentar-se no Colégio Conceição de Passo Fundo.

**3. Você lembra das histórias que lhe eram contadas? Quem as narrava?**

Na Escola pela professora que cuidava da biblioteca

**4. Há alguma lembrança da época de escola sobre a contação de histórias? Seus professores contavam histórias? Como eram contadas?**

Oralmente, sem interpretação... somente leitura branca e com o livro para mostrar as imagens... quando os mesmos o tinham.

**5. Como você vê o papel dos pais, professores e cuidadores com relação ao ato de contar histórias?**

Fundamental, pois as crianças se espelham tomam o gosto a partir dos estímulos dos mais velhos, e quando são incentivadas a fazerem o mesmo.

**6. Como desencadeou o processo de contar histórias?**

Desencadeou da necessidade de montar algo diferente na área do teatro, e pelo fato de não ter nenhum ator que tivesse explorado esse campo aqui em Passo Fundo.

**7. Quando você conta uma história para o público, que mais lhe fascina? Por quê?**

O que mais fascina é de ter a possibilidade de transmitir as histórias e saber que quando as crianças chegarem em casa irão contar aos pais e às pessoas que lhe são queridas.

**8. Há momentos de frustração no exercer a profissão? Relate.**

Nenhuma frustração.

**9. As narrativas orais assumem ou não importância no mundo contemporâneo?**

Lógico. A linguagem oral é usada em sala de aula e é a forma mais direta de se chegar aos alunos, ou em cursos, palestras, etc.

**10. Como é ser um contador de histórias frente a tanta tecnologia?**

É ter a oportunidade de ainda cativar as crianças e os adultos com algo diferente, inusitado, pois quando o teatro é introduzido na contação, os elementos de cena a interpretação e até mesmo os recursos tecnológicos como iluminação e sonoplastia encantam.

**11. Como a contação de histórias pode servir de motivação para a prática prazerosa da leitura?**

Através da forma de como é contada... no meu caso... interpretação.

**12. Qual a importância da atuação dos contadores de histórias na formação de leitores?**

O incentivo... a valorização e o contato direto com os ouvintes.

**13. Qual deve ser o perfil do contador de histórias numa sociedade Predominantemente não leitora e que não tem o hábito de ouvir?**

Ele deve ser interessado, um pesquisador.. e fundamentalmente gostar de crianças.

**14. Onde e como se deve contar uma história?**

O local deve ser intimista.. no meu caso.. de no máximo 80 pessoas. Uma sala ou anfiteatro.. espaço restrito.

**15. Defina o que é contação de histórias para você.**

A contação de história é antiga. Remonta mais de 5000 anos. As primeiras contações de histórias que se têm notícias vem da China, Arábia, Egito.. Predominantemente nos países orientais.

Os mitos, os atos heróicos, as princesas o universo etéreo, os cheiros, os ambientes, os animais fantásticos sempre povoarão o universo e a imaginação infantil.

Contar histórias, aproxima, educa, transmite conhecimento de uma forma direta e mantêm as tradições de cada povo ou ainda traz os ensinamentos de outras culturas, enfim, um intercâmbio cultural sem fim.

Poder aliar as contação de história com o teatro foi uma das melhores coisas que eu já fiz como ator, pois receber o retorno das crianças enquanto estou contando as histórias é fantástico, me traz informação e é um dado importante para a montagem de um próximo. Poder contar histórias para crianças é uma das melhores formas de se lidar com a sinceridade das pessoas. (a criança... é um ser mais sincero que já vi, nesses 20 e poucos anos de teatro que tenho...).

**ANEXO 5 – Formulário de Entrevista/Contador D**

**UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS - MESTRADO  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: FORMAÇÃO DO LEITOR**

**FORMULÁRIO DE ENTREVISTA**

**CONTADOR D**

**1. Relate a história pessoal desse leitor que, agora é um contador de histórias?**

Las historias narradas y los libros siempre fueron un lugar en el que encerraba mis miedos, mi timidez, mis sueños. En los libros encontraba las explicaciones que la vida no me podía ofrecer. Fui un niño que creció rodeado de narradores, mi madre, una vecina, la madre de una amiga me llevaban a mundos soñados, a historias que me hacían crear relatos. Luego, el bibliotecario de mi pueblo me acompañó en un viaje inolvidable por los libros. Las grandes novelas de aventura, las clásicas historias de amor, la literatura de terror. García Márquez y García Lorca, forjaron un mundo narrativo y un universo teatral y poético que me acompañan hasta la actualidad.

Esos mundos llenaron mi vida de historias que más tarde desearon salir de mí, ser narradas hacia los demás. La narración es una necesidad en mi. Una manera de decirle a los demás cómo es mi mundo. Como narrador pienso que lo más importante es hacer sentir al oyente la misma pasión por la literatura.

**2. Quando aconteceu seu primeiro contato com a contação de histórias?**

Mi primer contacto con la narración fue en 1992, en la ciudad de Guadalajara, España, allí narre por primera vez y descubrí un mundo que bullía dentro de mi y no se había atrevido a salir.

**3. Você lembra das histórias que lhe eram contadas? Quem as narrava?**

Esas historias están dentro de mi desde pequeño y algunas las he narrado, e, incluso, publicado escrita. Una es una historia de princesas y tontos, Nada, no nada y ayayay. Otras historias eran relatos de vida, de aventuras en la guerra de España, de viajeros. Me las narraba mi madre y algunas vecinas.

**4. Há alguma lembrança da época de escola sobre a contação de histórias? Seus professores contavam histórias? Como eram contadas?**

En la escuela no recuerdo la narración como recurso. Allí empezó el contacto con los libros, con la historia universal que también me entusiasmaba, pues me hacía imaginar otras épocas. Al igual que las historias bíblicas en la clase de religión, me parecían verdaderos cuentos mágicos.

**5. Como você vê o papel dos pais, professores e cuidadores com relação ao ato de contar histórias?**

Los padres son el primer y más imprescindible contacto con la palabra literaria. Es muy importante que las primeras historias se relaten en la familia. Los profesores deben narrar para animar a los alumnos a leer y a disfrutar de los textos.

**6. Como desencadeou o processo de contar histórias?**

Narrar es transmitir. Es crear un universo en el que navegan juntos narrador y público.

**7. Quando você conta uma história para o público, que mais lhe fascina? Por quê?**

Lo que más me fascina es sentir que soy capaz de crear una imagen y verla reflejada en la expresión de quien me escucha. Creo que El narrador escribe en el momento que narra y su relato muera en cada espectador, lo recrea quien lo escucha, lo regalas para que otro lo construya en su interior. Eso es mágico si lo ves reflejado en el rostro de quien escucha.

**8. Há momentos de frustração no exercer a profissão? Relate.**

Cuando relatar es una necesidad, siempre es negativo no encontrar um oído que deseé escuchar y compartir.

**9. As narrativas orais assumem ou não importância no mundo contemporâneo?**

La oralidad es imprescindible y necesaria en un mundo que necesita urgentemente comunicarse, escucharse. Sentir es vivir.

**10. Como é ser um contador de histórias frente a tanta tecnologia?**

Son dos maneras de comunicar diferentes. Sin ellas, las tecnologías, el mundo actual sería muy difícil de vivir. No se excluyen.

**11. Como a contação de histórias pode servir de motivação para a prática prazerosa da leitura?**

Se aprende a leer oyendo. Las palabras que se oyen configuran un mundo interior que es el camino hacia la lectura.

**12. Qual a importância da atuação dos contadores de histórias na formação de leitores?**

Somos transmisores. Ponemos en contacto con la emoción, con los sentimientos, que desencadenan los textos. Así que creo que somos el nexo imprescindible para acercar a los primeros lectores, de la edad que sean, a la literatura.

**13. Qual deve ser o perfil do contador de histórias numa sociedade predominantemente não leitora e que não tem o hábito de ouvir?**

Debe ser un conocedor de la tradición oral literaria, debe saber literatura y tener un conocimiento de los recursos de la lengua literaria. Así también debe poseer una preparación vocal y corporal que lo ayude a comunicarse con los demás.

**14. Onde e como se deve contar uma história?**

En un lugar en el que no haya interferencias exteriores y en el que se pueda crear la atmosfera que necesite la historia narrada.

**15. Defina o que é contação de histórias para você.**

Es simplemente mi manera de transmitir la literatura que está dentro de mi, es mi forma de expresarme y de llegar a los demás.